



**Instituto Politécnico de Portalegre**

**Escola Superior de Educação de Portalegre**

**A IMPORTÂNCIA DA CONTINUIDADE  
EDUCATIVA E DA ARTICULAÇÃO ENTRE A  
EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E O 1.º CICLO DO  
ENSINO BÁSICO**

Relatório Final – Prática de Ensino Supervisionada  
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Maria Cristina Nobre Martins Chambel

Orientadora: Professora Doutora Amélia de Jesus Marchão

Janeiro de 2015



**Instituto Politécnico de Portalegre**

**Escola Superior de Educação de Portalegre**

**A IMPORTÂNCIA DA CONTINUIDADE  
EDUCATIVA E DA ARTICULAÇÃO ENTRE A  
EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E O 1.º CICLO DO  
ENSINO BÁSICO**

Relatório Final – Prática de Ensino Supervisionada

Apresentado para a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar sob orientação  
científica e pedagógica da Professora Doutora Amélia de Jesus Marchão

Maria Cristina Nobre Martins Chambel

Janeiro 2015

*“Os saberes atuais só têm sentido se estiverem articulados  
com os anteriores e perspectivarem os posteriores”  
(Aniceto, 2010: 72)*

## RESUMO

O presente relatório reflete o trabalho desenvolvido na Prática e Intervenção Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar e apresenta a descrição, reflexão e a análise do percurso vivenciado no Jardim de Infância de Avis.

*“ A Importância da Continuidade Educativa e da Articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico”* é o título do relatório, no qual pretendemos investigar, refletir discursos e práticas de continuidade educativa e articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico num Agrupamento de Escolas.

O percurso foi vivido através da investigação-ação, tentando conhecer opiniões e expectativas e, baseada no conhecimento obtido, planear e desenvolver atividades que envolvessem as crianças num processo de continuidade preparando-se para a transição para o 1.º ciclo do Ensino Básico.

Palavras-chave: *Educação Pré-Escolar; 1.º Ciclo do Ensino Básico; Continuidade educativa; Articulação.*

## ABSTRACT

This report reflects the work done in Practice and Master of Supervised Intervention in Pre-School Education and presents the description, reflection and the path analysis experienced at Avis kindergarten.

*“ A Importância da Continuidade Educativa e da Articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico ”* is the title of this report, in which we intend to investigate, reflect discourses and practices of educational continuity and coordination between pre-school education and the 1st cycle of Basic Education in Schools Group.

The route was experienced through research-action, trying to know opinions and expectations and, based on the obtained knowledge, plan and develop activities involving children in a continuing process of preparing for the transition to the 1st cycle of basic education.

Keywords: *Pre-school; 1st cycle of basic education; Educational Continuity; Articulation.*

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos os docentes com quem trabalhei durante o presente mestrado, em especial à Professora Doutora Amélia de Jesus Marchão não só pela sua orientação, mas também por todo o apoio, encorajamento, ajuda e atenção que me dispensou ao longo da elaboração deste relatório, pois sem ela jamais teria conseguido realizar este trabalho.

À instituição e a todos os profissionais do jardim-de-infância de Avis onde desenvolvi a prática, em especial ao ‘meu’ grupo de crianças (sala 1), pois foi um enorme privilégio ter trabalhado com estas crianças.

À minha entidade patronal, por terem sido compreensivos perante a minha situação de trabalhadora/Estudante.

Às minhas colegas de curso, que sempre me prestaram apoio e ajuda.

**E, por último mas sempre em primeiro lugar, agradeço à minha família, em especial à minha filhota (que despendeu dos seus momentos comigo para que pudesse realizar os vários trabalho). Aos meus queridos pais, por todo o apoio, ajuda, coragem e firmeza para que não pensasse em desistir e ao meu marido, que me apoiou em todas as fases deste percurso.**

**A todos o meu muito Obrigada.**

## Índice

INTRODUÇÃO.....	9
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	12
<b>A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E O 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO.....</b>	<b>13</b>
1. A Educação Pré-Escolar: enquadramento legal e enquadramento curricular...13	
2. 1º Ciclo do Ensino Básico: Enquadramento Legal e Enquadramento Curricular .....	24
3. Continuidade Educativa.....	28
3.1. Processos de Articulação e Transição .....	30
PARTE II – INVESTIGAÇÃO-AÇÃO .....	37
<b>1. PERCURSO EM CONTEXTO.....</b>	<b>38</b>
1.1 Os objetivos.....	38
1.2 Planeamento e desenvolvimento da prática usando a metodologia de investigação-ação .....	40
1.3 Instrumentos de recolha de dados utilizados e procedimentos seguidos na sua análise.....	42
<b>2. Contexto: estabelecimento educativo onde decorreu a ação.....</b>	<b>47</b>
2.1 Constituição e caracterização do grupo de crianças .....	47
<b>3. Ação em contexto .....</b>	<b>49</b>
3.1 Reflexão específica no âmbito da “Importância da Continuidade Educativa e da Articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico” .....	49
<b>4. Reflexão global da prática de ensino supervisionada .....</b>	<b>69</b>
CONCLUSÃO.....	74
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>75</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>77</b>
BIBLIOGRAFIA.....	78
<b>ANEXOS .....</b>	<b>83</b>

## ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1- Vista do Jardim de Infância/Escola de Avis .....	47
Imagem 2/3/4- Visita à Sala do 1º ano .....	51
Imagem 5- Desenho e comentário do Afonso R. ....	53
Imagem 6- Desenho e comentário da Carmen.....	53
Imagem 7- Desenho e comentário do Rafael.....	54
Imagem 8- Desenho e comentário do Afonso C.....	54
Imagem 9- Desenho e comentário da Raquel.....	55
Imagem 10- Desenho e comentário da Laura.....	55
Imagem 11- Desenho e comentário do Miguel.....	56
Imagem 12- Desenho e comentário da Inês.....	56
Imagem 13- Desenho e comentário do Salvador.....	56

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1- Calendarização do Projeto .....	50
Quadro 2- O que gostam mais de fazer no Jardim de Infância e o que pensam ir aprender na Escola.....	60
Quadro 3- O papel do Educador e do professor: opinião das crianças.....	61

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema da organização das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (adaptado de Serra, 2004: 71). ....	18
Figura 2 - Áreas de Conteúdo – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (adaptado de Marchão, 2010: 22). ....	22
Figura 3 - Comparação entre as áreas de conteúdo das Orientações Curriculares e o Programa do 1.º CEB (adaptado de Marchão, op. cit.). ....	35

## **INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

Este relatório evidencia o percurso realizado ao longo da Prática e Intervenção Supervisionada, no Jardim-de-infância da vila de Avis.

A unidade curricular de Prática e Intervenção Supervisionada, que decorreu no segundo semestre, permitiu-nos, entre outras coisas, construir conhecimentos sobre o grupo de crianças e foi este conhecimento que nos possibilitou definir o tema integrador deste relatório – *A Importância da Continuidade Educativa e da Articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Consideramos ser uma temática pertinente, e os Educadores e os Professores devem estar cada vez mais despertos para encontrar estratégias e mecanismos que promovam a articulação entre os dois níveis, pois devem ser proporcionadas, na Educação Pré-Escolar, condições que facilitem a transição, e posteriormente o sucesso escolar, das crianças no 1.º ciclo, sendo fundamental haver cooperação entre os profissionais de ambos os níveis educativos, pois o processo de transição da criança deverá ser “(...) *uma passagem harmoniosa na e pela instituição*” (Roldão, 2008, citado por Bravo, 2010: 17).

A escolha do tema do presente relatório surgiu, assim, do conhecimento que obtivemos do grupo de crianças através da observação desenvolvida. Trata-se de um grupo heterogéneo composto por dezanove crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade, das quais seis têm três anos, quatro têm quatro anos e nove têm cinco anos.

Este relatório encontra-se estruturado em duas partes, a primeira composta por três capítulos constitui a fundamentação teórica. A segunda parte diz respeito ao projeto de investigação-ação.

No enquadramento teórico (Parte I) apresentamos uma análise das ideias sobre o currículo na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente aspetos acerca dos seus enquadramentos legal e curricular e, na perspetiva da continuidade educativa entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, procedemos a considerações teóricas sobre a articulação. Procedemos, ainda, ao levantamento dos possíveis constrangimentos e das estratégias facilitadoras na implementação deste processo.

Na Parte II – Metodologia, descrevemos o processo empírico da investigação, identificando os objetivos do nosso estudo, a formulação das questões de investigação, a abordagem metodológica e a identificação dos instrumentos utilizados na recolha de dados. Segue-se a ação em contexto, onde apresentamos, analisamos e interpretamos as atividades desenvolvidas com as crianças, os dados recolhidos, através das entrevistas realizadas às profissionais e às crianças, com o intuito de evidenciar as suas representações sobre a temática estudada. Procedemos ainda a uma reflexão do percurso da Prática de Ensino Supervisionada.

## **PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

# A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E O 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

## 1. A Educação Pré-Escolar: enquadramento legal e enquadramento curricular

Formosinho (1997), citado por Cruz (2008: 43), considera que *“a educação Pré-Escolar é um serviço de apoio às crianças e às famílias, é um serviço educativo com uma indispensável componente social e desempenha no nosso sistema educativo a primeira etapa da Educação Básica.”*

De acordo com a Lei-quadro da Educação Pré-Escolar (Lei 5/97 de 10 de Fevereiro), a Educação Pré-Escolar é a primeira etapa da Educação Básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo não só a formação como o desenvolvimento das crianças.

Considerando a Educação Pré-Escolar como a primeira etapa da educação básica, a citada Lei consagrou os seguintes objetivos pedagógicos:

- *“Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania;*
- *Fomentar a inserção das crianças em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;*
- *Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;*
- *Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas;*

- *Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;*
- *Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;*
- *Proporcionar às crianças ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e coletiva;*
- *Proceder às despistagens de inaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança;*
- *Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade” (ME, 1997: 15-16).*

O princípio geral e os objetivos enunciados na Lei-quadro enquadram os fundamentos e a organização das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) e quando referimos que: “ *A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo vida (...)*” (ME, 1997: 17) temos que ter em consideração que esta afirmação implica que durante esta etapa se criem as condições necessárias para as crianças continuarem a aprender, ou seja, importa que na educação pré-escolar as crianças aprendam a aprender (ME, 1997: 17).

Em termos curriculares, e de acordo com as OCEPE, não se pretende que a Educação Pré-Escolar se organize em função de uma preparação para a escolaridade obrigatória, mas que perspetive a educação ao longo da vida, devendo, no entanto, a criança reunir condições para frequentar com sucesso a etapa seguinte, ou seja, o 1.º ciclo do ensino básico (ME, 1997: 17).

A Educação Pré-Escolar deverá ainda encarar a criança como sujeito do processo educativo e permitir que esta “*(...) construa o seu próprio conhecimento de uma forma lúdica, de acordo com o seu desenvolvimento, recorrendo-se a estratégias e materiais seus familiares, a situações concretas e palpáveis do dia-a-dia*” (Bravo, 2010: 36).

Neste sentido, deve criar as condições para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, na medida em que promove a sua autoestima e a sua autoconfiança, desenvolvendo competências que permitam que cada criança reconheça as suas responsabilidades e progressos.

Também os pais ou encarregados de educação e a família são responsáveis pela criança, e também os seus primeiros educadores, sendo por isso necessário que estes sejam estimulados a participar no processo educativo da criança, devendo ser informados e solicitados a participarem nas atividades, enriquecendo a educação da criança.

Na Educação Pré-Escolar preside uma ideia de currículo abrangente e lata. Santos, Figueiredo, Libório, Abrantes, Silva & Góis (2009, p. 229), citados por Marchão (2012: 39), entendem que “ (...) *falar do currículo é falar de valores ou princípios educacionais, processos e práticas que formam a base de tudo o que sucede num determinado contexto educativo, pensamos currículo como o conjunto de experiências a partir das quais as crianças aprendem, sendo estas organizadas de forma explícita e implícita. Assim sendo, o currículo inclui todas as atividades e experiências as disponibilizadas pelos adultos, todas as actividades e experiências que as crianças organizam e descobrem por elas próprias, a linguagem utilizada por adultos e por crianças, entre si, enfim, tudo aquilo que as crianças percebem e conhecem no contexto circundante*”.

Marchão (2012: 38) define o currículo para a Educação Pré-Escolar como “(...) *o conjunto de actividades planeadas ou não, estruturadas e suportadas nas Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar e que permitem o desenvolvimento e a aprendizagem da criança bem como o seu bem-estar*” e Gaspar (1990), citada por Serra (2004), salienta que deste currículo fazem parte os objetivos que se pretendem alcançar, os conteúdos de aprendizagem e os processos de avaliação utilizados.

Assim, o educador deverá pensar e construir o currículo em função de eixos interligados: “*os objetivos fundamentais da Educação Pré-Escolar; as orientações curriculares definidas; a ideia e representação que temos da criança e da forma como ela se desenvolve e aprende; o entendimento que fazemos sobre o que é educar; e a ideia que temos sobre o que se pode aprender no Jardim de Infância*” (Marchão, 2012: 39).

No sentido de intencionalizar a dinâmica curricular, em 1997, foram publicadas as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) aprovadas pelo Despacho n.º 5220/97 (Diário da República, 2.ª Série de 4 de Agosto), surgindo da “(...)

*necessidade de se encontrar uma referência comum para toda a educação de infância”* (Serra, 2004: 68).

As OCEPE “*constituem um conjunto de princípios para apoiar o educador nas decisões sobre a sua prática, ou seja, para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças”* (ME, 1997: 13). Citando Cruz (2012: 17), podemos ainda referir que as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar assentam:

- “ *no reconhecimento da criança como sujeito do processo educativo, participando na ação de forma ativa, o que obriga a valorizar os seus saberes, partindo destes para novas aprendizagens;*
- *na articulação permanente entre o desenvolvimento e a aprendizagem, ou seja, para haver desenvolvimento tem que haver aprendizagem;*
- *na articulação dos saberes, integrando as diferentes áreas de forma global, transversal e não compartimentada;*
- *na resposta a todas as crianças, o que pressupõe uma pedagogia diferenciada que favoreça uma maior igualdade de oportunidades”.*

Porém, as OCEPE não são “*um programa, pois adoptam uma perspectiva mais centrada em indicações para o educador do que na previsão de aprendizagens a realizar pelas crianças. Diferenciam-se também de algumas concepções de currículo, por serem mais gerais e abrangentes, isto é, por incluírem a possibilidade de fundamentar diversas opções educativas e, portanto, vários currículos”* (ME, 1997: 12).

Segundo os princípios gerais das OCEPE, são estabelecidas orientações globais para o Educador, destacando o observar, o planear, o agir, o avaliar, o comunicar e o articular:

- Observar cada criança e o grupo permite ao Educador conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, permite também recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, para compreender melhor as características das mesmas e adequar o processo educativo de acordo com as suas necessidades. A observação constitui a base

do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo (ME, 1997).

- Planear o processo educativo de acordo com o que é observado pelo Educador e o que este já sabe acerca do grupo ou da criança torna a Educação Pré-Escolar num ambiente estimulante de desenvolvimento, promovendo aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades. Planear implica, assim, ter em conta a articulação entre as diferentes áreas de conteúdo, permitindo a participação das crianças no planeamento (ME, 1997).
- Agir é concretizar na ação as suas intenções educativas, adaptando-se às propostas das crianças e tirando partido das situações e oportunidades imprevistas (ME, 1997).
- Avaliar implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução (ME, 1997).
- Comunicar baseia-se no conhecimento que o educador adquire da criança e da forma como esta evolui. É enriquecido pela partilha com outros adultos que também têm responsabilidades na sua educação, nomeadamente colegas, auxiliares de ação educativa e pais (ME, 1997).
- Articular está relacionado com o facto de caber ao educador promover a continuidade educativa num processo marcado pela entrada para a educação pré-escolar e a transição para a escolaridade obrigatória, ou seja, estabelecer estratégias de articulação com o 1.º ciclo do Ensino Básico (ME, 1997).

As OCEPE organizam-se incluindo:

#### I. Princípios Gerais

- Introdução
- Princípio geral e objetivos pedagógicos
- Fundamentos e organização
- Orientações globais para o Educador

#### II. Intervenção Educativa:

Organização do Ambiente Educativo	Áreas de Conteúdo	Continuidade Educativa
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abordagem sistémica e ecológica;</li> <li>- Organização do grupo, do espaço e do tempo;</li> <li>- Organização do meio institucional;</li> <li>- Relação com os pais e outros parceiros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Articulação de Conteúdos</li> <li>- Formação Pessoal e Social</li> <li>- Expressão e Comunicação <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressões: motora, dramática, plástica e musical;</li> <li>• Linguagem oral e abordagem à escrita;</li> <li>• Matemática;</li> <li>• Conhecimento do mundo.</li> </ul> </li> </ul>	<p>Início da Educação Pré-Escolar</p> <p>Transição para a escolaridade obrigatória</p>
Intencionalidade educativa		

Fig. 1- Organização das OCEPE (adaptado de Serra, 2004: 71)

Em termos curriculares “*consideram-se ‘áreas de conteúdo’ como âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sócio-cultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagens, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber fazer*” (ME, 1997: 47). As áreas de conteúdo supõem a realização de atividades, dado que a criança aprende a partir da exploração do mundo que a rodeia, ou seja, a criança aprende a partir da ação. São mais do que áreas de atividades pois implicam que a ação seja ocasião de descobrir relações consigo própria, com os outros e com os objetos, o que significa pensar e compreender (ME, 1997: 47).

De acordo com Cruz (2012: 19), podemos referir ainda que “*estas áreas são transversais e os seus conteúdos pressupõem a interligação entre desenvolvimento e aprendizagem, favorecendo a articulação entre si, permitindo também a articulação da Educação Pré-Escolar com o 1.º Ciclo*”.

Assim, pretende-se que o Educador proponha atividades em que as diferentes áreas estejam interligadas e as crianças possam explorar e descobrir relações consigo própria, com os outros e com os objetos.

As três áreas de conteúdo da Educação Pré-Escolar são:

❖ Área de Formação Pessoal e Social;

- ❖ Área de Expressão e Comunicação, que integra três domínios:
  - Domínio das Expressões;
  - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita;
  - Domínio da Matemática.
  
- ❖ Área do Conhecimento do Mundo.

Analisando estas três áreas podemos referir que:

A área de Formação Pessoal e Social corresponde a um processo que deverá favorecer a aquisição de espírito crítico, a interiorização de valores espirituais, estéticos, morais e cívicos. Ou seja, esta área é transversal, dado que todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nas crianças atitudes e valores para torná-las cidadãs conscientes, solidárias e capazes de resolver problemas do dia-a-dia.

Esta área é bastante importante pois enraíza a ideia de *“que o ser humano se constrói em interação social, sendo influenciado e influenciando o meio”* (ME, 1997: 51).

É ainda uma área que, numa perspetiva da educação para a cidadania e multiculturalidade, integra a educação para os valores em que a criança deverá vivenciar valores de vida democrática, tomando consciência de si e dos outros.

Pretende-se nesta área que a criança adquira independência, sabendo realizar determinadas ações e utilizar materiais e instrumentos; construa a sua autonomia, aprendendo a fazer escolhas, a ter preferências e a tomar decisões e que seja capaz de partilhar o poder e assumir responsabilidades.

A Área da Expressão e Comunicação *“engloba as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e o progressivo domínio de diferentes formas de linguagem”* (ME, 1997: 56). Esta é ainda a única área que se distingue em vários domínios que, no entanto, deverão estar estreitamente relacionados, uma vez que permitem à criança *“(...) ter acesso a formas e meios diversificados de expressão que lhe permitam ir apropriando-se de meios de*

*comunicação, através de um processo planeado que possibilita situações diversificadas e progressivamente complexas” (Serra, 2004: 72).*

Esta área é também considerada uma área básica de conteúdos pois “(...) *incide sobre aspetos essenciais do desenvolvimento e da aprendizagem e engloba instrumentos fundamentais para a criança continuar a aprender ao longo da vida” (ME, 1997: 56).*

Relativamente ao domínio das expressões, podemos referir que a expressão motora está relacionada com a motricidade global, motricidade fina e jogos de movimento; a expressão dramática está relacionada com o jogo simbólico e o jogo dramático e a expressão plástica com o meio de representação e comunicação, expressão tridimensional e acesso à arte e à cultura; e a expressão musical está relacionada com o escutar, cantar, dançar e tocar, ou seja, pretende-se que a criança através de vários materiais vá explorando, dominando e utilizando o seu corpo.

No que diz respeito ao domínio da linguagem oral e abordagem à escrita podemos referir que “*esta abordagem à escrita situa-se numa perspectiva de literacia enquanto competência global para a leitura no sentido de interpretação e tratamento de informação que implica a “leitura” da realidade das “imagens” e de saber para que serve a escrita, mesmo sem saber ler formalmente” (ME, 1997: 66).*

Relativamente ao domínio da matemática podemos referir que, neste domínio, “*as crianças vão espontaneamente construindo noções matemáticas a partir de vivências do dia-a-dia (ME,1997:73).* Ou seja, a matemática deve ir surgindo a partir de vivências e situações do dia-a-dia e partir destas para as trabalhar de forma lúdica, garantindo que as crianças ganhem gosto pela matemática.

Cabe, assim, ao Educador a promoção deste domínio, levando a criança a desenvolver o seu raciocínio lógico e a encontrar as suas próprias soluções, estimulando para que esta as debata apresentando as suas ideias, colocando as suas questões, contribuindo para possíveis representações e registos, ajudando na aquisição de novo vocabulário e promovendo também o desenvolvimento do raciocínio e do espírito crítico e comunicação matemática.

Por último, mas não menos importante, identifica-se a Área do Conhecimento do Mundo. Esta área “*enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de*

*saber e compreender porquê”* (ME, 1997: 79). Esta curiosidade natural deve, assim, ser fomentada e alargada na Educação Pré-Escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e exploração do mundo (ME, 1997: 79). Segundo as OCEPE, esta área inclui o alargamento de saberes básicos necessários à vida social que decorre de experiências proporcionadas pelo contexto de Educação Pré-Escolar, ou seja, que se relacionam com o seu meio próximo, como por exemplo, saber nomear diferentes equipamentos e objetos para construir novas formas; reconhecer e nomear diferentes cores, sensações e formas; saber o seu nome completo, entre outros.

Também nesta área cabe ao Educador sensibilizar as crianças para as ciências, partindo dos seus interesses e fomentando a sua curiosidade e desejo de saber mais, ou seja, o educador deve ouvir a criança, observá-la a agir e acompanhá-la nas suas pesquisas, permitindo-lhe experienciar toda a riqueza do seu imaginário, promovendo o desenvolvimento das suas aptidões e ajudando-a a construir e desenvolver espírito científico.

Marchão (2012: 38), tendo por base Vasconcelos & Assis (2008) refere que *“as Orientações Curriculares [decorrem] no âmbito de uma matriz socioconstrutivista, em que se procura relacionar as diferentes áreas de conteúdo contextualizando-as e, entendendo que é só através das interações com os outros que a identidade da criança se pode construir.”*

Podemos referir que, a mesma autora, apresenta em esquema as áreas de conteúdo e a sua articulação necessária no quotidiano curricular e pedagógico da Educação Pré-Escolar.

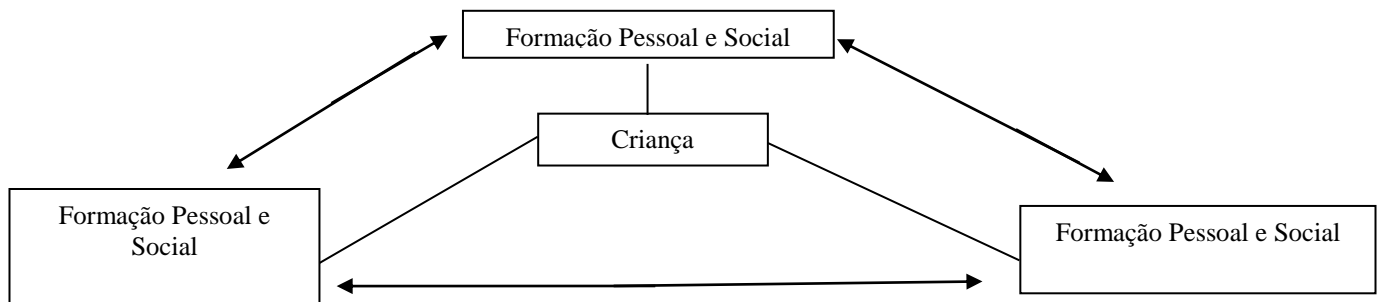


Fig. 2- Áreas de Conteúdo - OCEPE (adaptado de Marchão, 2010: 22)

A Educação Pré-Escolar situa-se na continuidade de um processo educativo que a criança iniciou na família e/ou na instituição educativa e esse processo é assim marcado por dois momentos o início da Educação Pré-Escolar e a transição para a escolaridade obrigatória, que merecem por isso atenção especial do Educador.

O Educador deve partir do que as crianças já sabem e propor atividades que lhes permitam progredir a partir do nível em que se encontram. O mesmo procedimento deve acontecer na transição das crianças para a escolaridade obrigatória em que cabe ao professor continuar este processo educativo/formativo das crianças.

Verificamos, assim, a necessidade de a Educação Pré-Escolar assumir a intencionalidade educativa de modo coerente, sendo que de acordo com as OCEPE, “(...) *deverá familiarizar a criança num contexto culturalmente rico e estimulante que desperte a curiosidade e o desejo de aprender*” (ME, 1997: 93).

No quadro da intencionalidade educativa deve assumir-se o objetivo de garantir às crianças aprendizagens significativas e adequadas ao seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem numa perspetiva holística e no quadro da continuidade educativa.

Exige-se que o “*educador reflecta sobre a sua acção e a forma como a adequa às necessidades das crianças e, ainda, sobre os valores e intenções que lhe estão subjacentes. Esta reflexão é anterior à acção, ou seja, supõe planeamento; acompanha a acção no sentido de a adequar às propostas das crianças e de responder a situações*

*imprevistas; realiza-se depois da acção, de forma a tomar consciência do processo realizado e dos seus efeitos” (ME, 1997: 93).*

Em 2010 o Ministério da Educação definiu Metas de Aprendizagem para a Educação Pré-Escolar (ME, 2010) que objetivavam auxiliar o estabelecimento das aprendizagens que as crianças deveriam ter realizado antes de entrarem para o 1.º ciclo do ensino básico. Contudo, estas metas de aprendizagem nunca chegaram, até hoje, a ser homologadas pelo Ministério da Educação e deixaram de constar no site da Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular/DGE. As metas eram definidas *“como um auxiliar do trabalho docente, na vertente deliberativa, colectiva e individual, oferecendo um referencial comum de resultados a alcançar pelos alunos e de sugestões estratégicas de trabalho e de avaliação que possam orientar e apoiar a acção docente, devidamente diferenciada, no sentido do sucesso das aprendizagens” (ME, 2010).*

## **2. 1º Ciclo do Ensino Básico: Enquadramento Legal e Enquadramento Curricular**

As “alterações introduzidas no sistema educativo, nomeadamente o alargamento da escolaridade obrigatória, provocaram uma mudança na situação do “ensino primário” que passou a designar-se “1.º ciclo; (...) Com a sua integração no Ensino Básico, o 1.º Ciclo deixou de ser meramente conhecido como um grau de ensino com características próprias, para ser englobado nas orientações que se aplicam a toda a escolaridade obrigatória” (Silva, 2002: 17).

O Ensino Básico em Portugal é “a etapa da escolaridade em que se concretiza de forma mais ampla, o princípio democrático que informa todo o sistema educativo e contribui por sua vez, decisivamente para aprofundar a democratização da sociedade numa perspectiva de desenvolvimento e de progresso, quer promovendo a realização individual de todos os cidadãos, em harmonia com os valores de solidariedade social, quer preparando-os para uma intervenção útil e responsável na comunidade” (ME, 2004: 11).

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 46/86 de 14 de Outubro) o Ensino Básico é organizado por três ciclos de ensino, sequenciados e dividindo-se cada um, em anos de escolaridade, ou seja, o primeiro em quatro anos, o segundo em dois anos e o terceiro em três anos. No decorrer deste percurso pretende-se que a criança consiga aprofundar as aprendizagens adquiridas no nível antecedente, e siga para níveis de abstração mais elaborados (Bravo, 2010).

Segundo a mesma Lei, os objetivos do Ensino Básico devem concretizar três aspetos fundamentais: a criação de condições para o desenvolvimento global e harmonioso dos indivíduos, proporcionando a descoberta progressiva dos interesses, aptidões dos/as alunos/as, capacidades individuais e coletivas no âmbito da formação pessoal e social; a criação de condições que facilitem escolhas escolares e profissionais esclarecidas e suportadas na aquisição de saberes, de instrumentos, de capacidades, de atitudes, de competências e de valores, e por fim, o favorecimento da construção de

valores de cidadania através de atitudes e de práticas democráticas (Marchão, 2010; 2012).

Assim, no Ensino Básico a ação educativa tem como principal objetivo a formação do cidadão, e deve incluir as seguintes dimensões:

- A dimensão da formação que deverá facultar o conhecimento de si e dos outros, gerando sentimentos de autoconfiança; promover situações de ensino-aprendizagem e desenvolver o respeito pelos outros, promovendo e incentivando o trabalho de equipa e possibilitando que se crie entreajuda e cooperação.
- A dimensão das aquisições básicas e intelectuais em domínios diversificados e que envolvem o domínio evolutivo de meios e comunicação (verbais ou não); empregar a Língua Portuguesa como uma ferramenta de criação e transmissão de cultura nacional, de abertura a outras culturas e de realização pessoal (Marchão, 2010; 2012).

A criança deverá iniciar a aprendizagem das línguas estrangeiras, conhecendo o meio envolvente ao nível das expressões (tanto visual, como motora e musical) e criando estratégias de resolução de problemas práticos e/ou na produção de obras úteis/estéticas e estimulando o conhecimento tecnológico.

A estrutura curricular do 1.º ciclo do Ensino Básico identifica áreas curriculares disciplinares (Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões), áreas curriculares não disciplinares (Área de Projeto, Estudo Acompanhado e Formação Cívica) e a Educação Moral e Religiosa que surge como área curricular de frequência facultativa.

Embora à data do estudo assim fosse, neste momento, o Inglês passou a constar das áreas curriculares obrigatórias.

Podemos considerar que nesta estrutura curricular se inscreve a ideia de Marchão (2012: 26): *“o currículo é sempre a expressão de um determinado tempo e simultaneamente do espaço onde o mesmo é organizado e concretizado”* e como diz Serra (2004: 26), *o “currículo e sociedade estão intrinsecamente ligados uma vez que a escola é um poderoso agente de socialização”* e é necessário que a escola *“afirme não em exclusivo a sua função reprodutora, mas também a sua função transformadora e*

*inclusiva, devendo estas ser expressas nas dimensões oficiais ou institucionais e nos contextos onde ocorre a sua interpretação e desenvolvimento” (Marchão, 2012: 29).*

O Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho estabelece os princípios orientadores não só da organização, como da gestão do currículo, da avaliação dos conhecimentos a adquirir e das capacidades a desenvolver pelos/as alunos/as e do processo de desenvolvimento do currículo dos ensinos básico e secundário. De acordo com o mesmo Decreto-Lei *“A autonomia da escola é reforçada através da oferta de disciplinas de escola e pela possibilidade de criação de ofertas complementares, bem como por uma flexibilização da gestão das cargas letivas a partir do estabelecimento de um mínimo de tempo por disciplina e de um total de carga curricular”.*

Podemos ainda frisar que o novo Decreto-Lei n.º 91/2013 veio proceder a mais alguns ajustamentos, de forma a integrar componentes que fortaleçam o desempenho dos/as aluno/as e assim desenvolver um maior crescimento das suas capacidades. A fim de garantir a qualidade do ensino manifesta-se a intenção de proporcionar o equilíbrio do Sistema Educativo e a autonomia pedagógica e organizativa das escolas.

É assim, nesse sentido, que se *“reforçaram as áreas disciplinares fundamentais; e afirma a identidade de disciplinas que se reúnem sob a designação de expressões; e garante uma aprendizagem mais consolidada da Língua Inglesa, tornando-a disciplina obrigatória ao longo de um mínimo de 5 anos e se reforça o carácter transversal da Educação para a cidadania, estabelecendo conteúdos e orientações programáticas, mas não a automatizando como disciplina de oferta obrigatória” (Decreto-Lei n.º 91/2013).*

Simultaneamente, no 1.º Ciclo reforçam-se:

- aprendizagens das duas disciplinas consideradas estruturantes (Língua Portuguesa e Matemática);
- as atividades de enriquecimento curricular e promove-se a qualidade do ensino nessas atividades;
- a componente de apoio à família de forma a servir de estímulo para um eficaz relacionamento entre famílias, escolas e comunidade local.

O Decreto-Lei n.º 91/2013 refere que *“no 1.º ciclo, procede-se ao reforço curricular de forma a permitir às escolas a tomada de decisões relativamente à organização do Apoio ao Estudo, da Oferta Complementar, assim como à gestão dos tempos a lecionar em algumas disciplinas. Promove-se, ainda, uma otimização dos recursos no sentido de adequar as atividades a desenvolver aos perfis dos docentes. A escola assume um papel essencial na organização de atividades de enriquecimento do currículo fomentando uma gestão mais flexível e articulada das diversas ofertas a promover”*.

Esta oferta complementar do currículo pode contemplar a cidadania, as expressões artísticas, culturais e científicas de forma a contribuir para a promoção integral dos/as alunos/as.

### 3. Continuidade Educativa

De acordo com as OCEPE (M.E, 1997: 90) “ *Quando se acentua a importância da continuidade educativa entre ciclos do ensino, alude-se a um processo de desenvolvimento contínuo que não tem “cortes” nítidos, ou seja, cada novo ciclo deverá ter em conta as aprendizagens realizadas e os ritmos de aprendizagem de cada criança.*”

Também Zabalza (2004), citado por Cruz (2008: 74), refere que “*a ideia de continuidade está subjacente à de união, coerência e complementaridade*”, pretendendo-se, assim, que haja uma ligação entre diferentes ciclos e que se completem um ao outro, pois neste processo pretende-se que cada novo ciclo tenha em conta as aquisições das crianças, uma vez que a “*continuidade não implica repetição, implica introdução ao que é novo, a novas tarefas, apoiadas em significados construídos e experienciados*” (Woodhead, 1981 citado por Marchão, 2002: 34).

Assim, podemos referir que a continuidade educativa surge como um processo contínuo e vertical, nos diferentes níveis educativos (e ao longo de toda a vida), dando aos docentes e crianças/alunos uma perspectiva do vivido, do realizado e do aprendido, tendo em conta os diferentes ritmos e ampliando o desejo de descoberta para novas experiências.

Segundo Formosinho (1997: 24) “*o sucesso da Educação Pré-Escolar depende muito do modo como for continuado ao nível seguinte. Daí que seja essencial articular mudanças na educação pré-escolar com mudanças no ensino primário*”.

Devemos argumentar *uma concepção de educação integrada e em desenvolvimento a partir dos conhecimentos anteriormente adquiridos, na fase da educação pré-escolar ou vida familiar e na continuidade da origem de cada criança, novos ciclos sequentes do sistema de educação*” (ME, 1997: 31).

De acordo com Garcia, Pires, Barreiros & Bagina, para se conceber a Educação Pré-Escolar como a primeira etapa da Educação Básica, “*teremos de considerar a existência de articulação com a que lhe sucede (segunda etapa, o 1.º ciclo do ensino*

*básico), sem refutar as vivências anteriores edificadas no seio da família e destes dois níveis de ensino, visando um reforço de continuidade, numa perspectiva de ensino integrado” (2002: 69).*

Também Marchão (2002: 34), refere que “ *A investigação educacional confirma a importância da qualidade destes contextos e a sua implicação nos processos de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças. Não funcionando isoladamente e, entendendo-os numa relação direta e imediata com os contextos de ensino-aprendizagem que os procedem, as escolas do primeiro ciclo, cabe aos diferentes interventores (escola, educadores, professores, família,...) preparar momentos de transição da criança”.*

Assim, podemos referir que é bastante importante que os docentes de ambos os níveis procedam a uma boa gestão do currículo, criando estratégias de articulação curricular, pois só assim conseguem criar um processo de continuidade educativa que irá facilitar o processo de transição das crianças com sucesso.

Relativamente ao processo de articulação, Aniceto (2010: 83) salienta “*o estabelecimento de mecanismos teóricos e práticos, susceptíveis de encontrarem respostas adequadas e facilitadoras do processo de transição entre níveis e ciclos diferentes, apoiados nos conhecimentos e vivências anteriores da criança, promovendo a construção de saberes e competências, entre docentes do Pré-Escolar e do 1.º CEB, na base do desenvolvimento de formas de trabalho colaborativo e de novas formas de organização do trabalho ao nível dos órgãos de coordenação”.*

No entanto, podemos referir que, apesar da articulação curricular e a continuidade educativa se relacionarem e complementarem, existem diferenças entre elas. De acordo com Dinello (1987), citado por Carvalho (2010: 58), “*a continuidade educativa é uma percepção exterior do fenómeno, enquanto que numa observação mais profunda se compreende a necessidade de uma articulação para um maior aproveitamento dos ciclos, certamente ligados, mas intrinsecamente diferenciados. Na visão da continuidade aparece uma imagem do produto objectivado, na articulação é o processo que se dimensiona.*”

Assim, podemos referir que a articulação cria uma conexão entre níveis educativos diferentes, enquanto a continuidade educativa diz respeito à forma como estão organizados os saberes (Serra, 2004).

Indo ao encontro da opinião de Marchão (2002: 3) podemos referir que, em Portugal, os documentos que regulam o funcionamento do currículo da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico afirmam a continuidade educativa e alertam os diferentes profissionais para uma intervenção que se concretiza na facilitação das aprendizagens significativas, diversificadas e diferenciadas.

De acordo com o quotidiano da vida das crianças e das diferentes aprendizagens que adquirem, possibilitar a continuidade de forma a eliminar ruturas e processos de transição implica assegurar conexões entre os elementos que os integram, quer se situem ao nível de projetos a desenvolver e de estruturas de concretização, quer ainda da complementaridade de atitudes e práticas (Monge, 2002).

Também, segundo Nabuco (2002: 55), *“o processo educativo é um processo que exige continuidade, daí a necessidade dos professores prestarem uma especial atenção aos momentos de transição entre níveis de ensino”*.

A mesma autora refere ainda que o insucesso do Ensino Básico tem, em grande parte, por base a descontinuidade existente na programação dos currículos e métodos de ensino. Assim, podemos referir que a eliminação dessas descontinuidades contribuirá para o sucesso educativo e para uma transição mais acessível e positiva.

### **3.1. Processos de Articulação e Transição**

Vasconcelos (2012: 3) define transição como uma *“passagem ou mudança de um local para outro”* ou *“uma fase ou período intermédio, numa evolução ou processo evolutivo”*.

Transição lembra, ainda, ritos de passagem, ou seja, um atravessar de fronteiras e rituais de instituições.

De acordo com Morgado e Tomaz (2009), citados por Barbosa (2010) o processo de transição concretiza duas dimensões distintas, nomeadamente a articulação curricular horizontal e a articulação curricular vertical. A articulação curricular horizontal está relacionada com “*a identificação de aspectos comuns e à conjugação transversal de saberes oriundos de várias áreas disciplinares (ou disciplinas) de um mesmo ano de escolaridade ou nível de aprendizagem*” e a articulação curricular vertical define-se como “*a interligação sequencial de conteúdos, procedimentos e atitudes, podendo esta verificar-se tanto ao nível de um mesmo ano de escolaridade, como de anos de escolaridade subsequentes*” (op. cit.: 11).

Podemos salientar que a articulação curricular horizontal se identifica entre áreas de conteúdo ou áreas disciplinares do mesmo ano, enquanto a articulação curricular vertical abrange a continuidade educativa entre ciclos.

De acordo com um estudo realizado por Lima (2001), relativamente à articulação curricular efetiva, Serra (2004) considerou que esta articulação se poderia dividir em três níveis que determinam o investimento de professores e educadores na articulação curricular, nomeadamente: a articulação curricular ativa, a articulação curricular reservada e a articulação curricular passiva. Segundo Cruz (2008), estamos perante articulação curricular ativa quando “*entre Educadores e Professores do 1.º Ciclo existe uma continuação efectiva, deliberada e voluntária, que lhes confere um conhecimento efectivo das práticas, condição esta que lhes permite tirar partido das diferenças entre ciclos e construir sobre elas, de uma forma criativa actividades enriquecedoras para ambos os ciclos*” (op. cit: 103). Estamos perante a articulação curricular reservada quando “*a sua participação normalmente é impulsionada por factores mais fortes como sejam a sujeição a uma avaliação externa, nomeadamente por parte dos pais*” (op. cit: 103); e estamos perante a articulação curricular passiva, quando “*a atitude demonstra uma falta de vontade expressa em colaborar com os outros graus de ensino, uma resistência ao diálogo e à troca de impressões, que se encaixa normalmente no paradigma de professor individualista que confina a sua actividade à sua sala de aula, e a existirem momentos de contacto, estes acontecem por condições de proximidade geográfica e partilha de espaços*” (op. cit: 103).

Após realizarmos a apresentação dos diferentes níveis de articulação curricular iremos, de seguida, realizar uma análise dos referenciais legislativos e a importância que conferem à articulação entre níveis de educação e ensino.

Podemos referir que a preocupação em relação à articulação remonta aos anos 70 na publicação do Decreto-Lei n.º 542/79 (Estatutos dos Jardins de Infância), pois refere-se no preâmbulo, alínea d), a criação de *“mecanismos que garantam a articulação sequencial com o ensino primário.”* Já no final dos anos 80 é publicada a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 46/86) que mais tarde foi alterada, pela Lei 49/2005 que, no artigo 8.º, ponto 2), destaca a importância da articulação entre ciclos e supõe que se deve obedecer *“a uma sequencialidade progressiva, conferindo a cada nível a função de completar, aprofundar e alargar o ciclo anterior, numa perspectiva de unidade global do ensino básico”*.

Em 1997, quando é publicada a Lei 5/97 de 10 de Fevereiro, institui-se no seu princípio geral que a Educação Pré-Escolar é a primeira etapa da educação básica, passando a Educação Pré-Escolar a integrar a Educação Básica.

Formosinho (1997), citado por Carvalho (2010: 62), refere assim que: *“a conceptualização da educação pré-escolar como primeira etapa da educação básica arrasta imediatamente a questão da sua articulação com a segunda etapa – o (...) 1.º ciclo do ensino básico. O sucesso da educação pré-escolar depende do modo como for continuada no nível seguinte. Daí que seja essencial articular mudanças na educação pré-escolar com mudanças no 1.º ciclo do ensino básico.”*

Também as OCEPE (Despacho n.º 5220/97) vieram referir que *“cabe ao educador promover a continuidade educativa num processo marcado pela entrada para a educação pré-escolar e a transição para a escolaridade obrigatória. (...) é também função do educador proporcionar as condições para que cada criança tenha uma aprendizagem com sucesso na fase seguinte competindo-lhe, em colaboração com os pais e em articulação com os colegas do 1.º ciclo, facilitar a transição da criança para a escolaridade obrigatória”* (ME, 1997: 28).

Em 1998 é publicado um novo Decreto-Lei, 115-A/98 de 4 de Maio, que tem como intuito a promoção da autonomia das escolas, referindo no artigo 6.º que *“a constituição de agrupamentos de escolas considera, entre outros, critérios relativos à*

*existência de projectos pedagógicos comuns, à construção de percursos escolares integrados, à articulação curricular entre níveis e ciclos educativos (...).”*

Também, mais tarde, o Decreto-Lei 6/2001, no artigo 3.º, alíneas a) e b), aludia que *“a organização e a gestão do currículo subordinam-se (...) a princípios orientadores [como a] coerência e sequencialidade entre os três ciclos de ensino básico e articulação com o ensino secundário; [e] integração do currículo e avaliação, assegurando que esta constitua o elemento regulador do ensino e da aprendizagem.”*

Em 2007, a Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular em articulação com as Direções Regionais de Educação e com a Inspeção Geral de Educação, gerou um novo documento – Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar – Contributos para a sua Operacionalização, que *“ (...) integra princípios sobre a organização curricular (...) e a articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico”* (Circular n.º17/DSDC/DEPEB/2007).

A Circular n.º17/DSDC/DEPEB/2007 indica-nos ainda que *“a articulação entre as várias etapas do percurso educativo implica uma sequencialidade progressiva, conferindo a cada etapa a função de completar, aprofundar e alargar a etapa anterior, numa perspectiva de continuidade e unidade global de educação/ensino.”*

Podemos referir que, de acordo com Carvalho (2010), os atuais documentos legais indicam uma ligação positiva entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, e um trabalho em conjunto e em articulação que contribuem de forma efetiva para o sucesso educativo. Porém, é preciso que também os processos de transição considerem alguns aspetos:

- verificar se as crianças se ajustam bem à sua entrada no jardim de infância;
- verificar se as crianças se adaptam bem sob o ponto de vista físico, emocional, social e intelectual à escola do 1.º ciclo do ensino básico;
- verificar se as crianças e as suas famílias estão preparadas (e se preparam) para as várias transições que a criança terá que realizar (Vasconcelos, 2012).

Ainda sobre o processo de transição devemos ter em consideração:

- ✓ nível individual, relacionado com mudanças de identidade, como lidar com emoções fortes;
- ✓ nível interativo, relacionado com novas relações, mudar relações existentes;
- ✓ nível contextual, relacionado com transições familiares (Vasconcelos, 2012).

Assim, articular é “cuidar” das transições, ou seja, co construir a transição para a escola, tornando-a mais positiva e mais acessível.

Não podemos deixar de referir, ainda, os objetivos da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico que demonstram uma proximidade visível em termos de orientação educativa que se preocupa em estabelecer uma coerência no processo de formação ao longo da vida (Cruz, 2008). Nesse sentido, Monge (2002: 29) apresenta como princípios básicos comuns entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, *“a concepção de uma educação integrada e a importância da sua função formativa; a interpretação construtivista da aprendizagem e da própria actuação educativa; a continuidade, em termos de perfil de formação, baseada na identidade de vertentes que atravessam o campo dos objectivos e competências essenciais; a estrutura curricular organizativa, pela articulação da transversalidade e especificidade que pressupõe, pelo sentido de globalidade e integração que lhe é inerente.”*

No que diz respeito à estrutura de organização curricular na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, averiguamos que, de acordo com Marchão (2010), as áreas que formam ambos os currículos estabelecem uma relação de proximidade.

Verifiquemos assim:

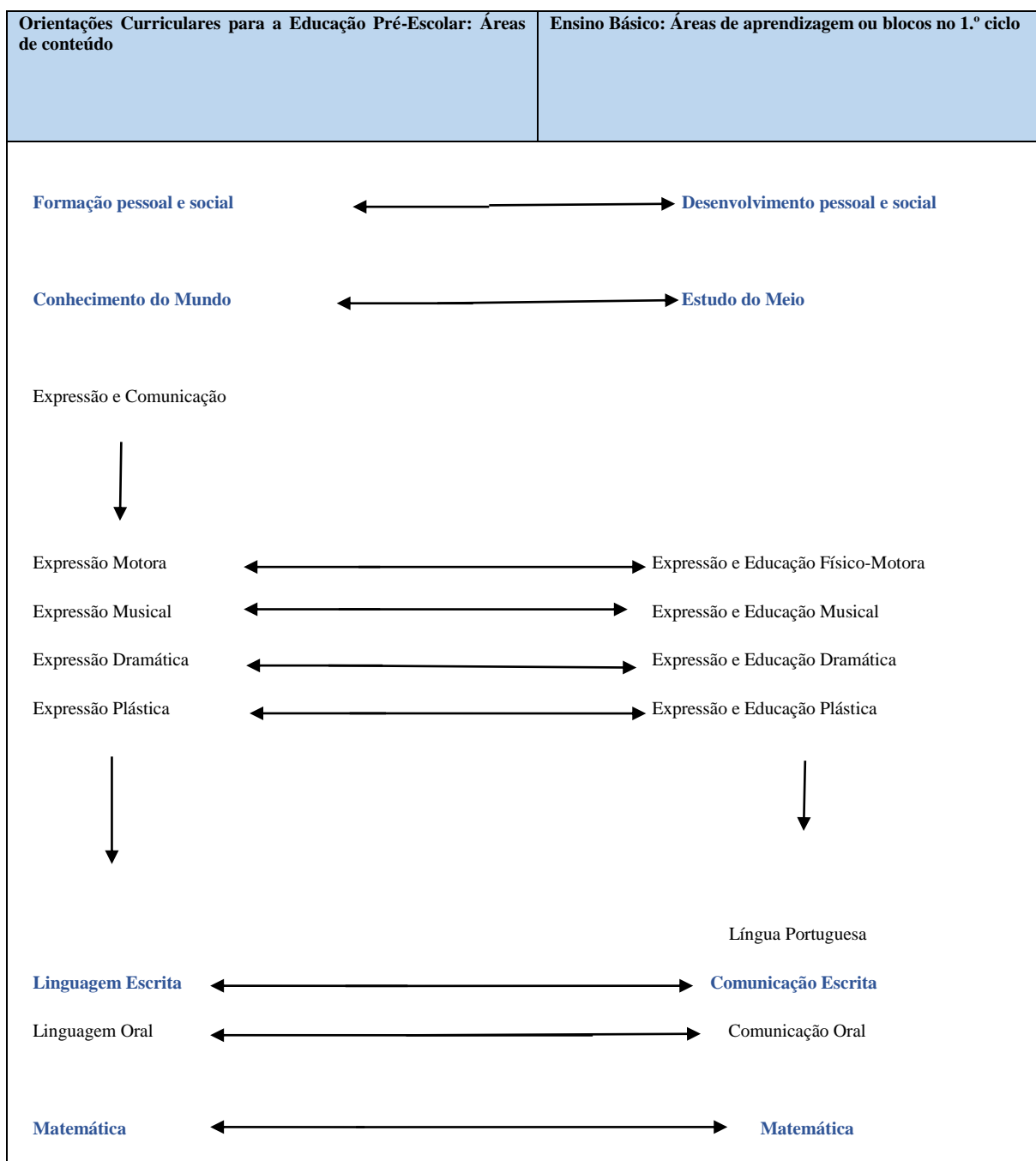


Figura 3 - Comparação entre as áreas de conteúdo das Orientações Curriculares e o Programa do 1.º CEB (adaptado de Marchão, op. cit.).

É necessário ter em consideração que a valorização dos conteúdos a aprender nestes dois níveis deverá ser encarada de forma diferente, nomeadamente “ (...) no

*Jardim de Infância, os conteúdos são utilizados apenas como pretextos para a actividade, situando-se por conseguinte ao nível dos meios (...) ” (Ribeiro, 2002, citado por Marchão, 2010: 51), enquanto “na Escola do 1.º Ciclo eles são utilizados em si mesmos, como aspectos da realidade a aprender e a entender como tal” (Marchão, 2010: 51).*

## **PARTE II – INVESTIGAÇÃO-AÇÃO**

## 1. PERCURSO EM CONTEXTO

*“Os seres humanos são por natureza contadores de histórias, é natural que relatemos os acontecimentos da nossa prática pedagógica. Ao fazê-lo, poderemos retirar alguns benefícios: tornamo-nos mais sensíveis e podemos observá-la, mais profundamente, de modo a compreendê-la, para depois tirarmos ilações necessárias ao rumo a dar à nossa vida profissional” (Clandinin e Connelly in Alarcão, 1996: 105).*

### 1.1 Os objetivos

Neste capítulo expomos o enquadramento metodológico do estudo realizado no ano letivo de 2013/2014 no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada. Apresentamos os objetivos definidos, explicitamos as questões, caracterizamos os intervenientes e as opções e procedimentos metodológicos.

Foi-nos permitida a integração, como estudantes do mestrado em Educação Pré-Escolar, em dois contextos de Educação de Infância onde realizámos momentos de formação em que aprendemos e praticámos competências profissionais e fundamentais, de acordo com o perfil para o exercício da docência em Educação de Infância. No 1.º semestre num contexto de creche e, no 2.º semestre, num contexto de jardim-de-infância. Embora o primeiro semestre nos tivesse proporcionado uma experiência e aprendizagem muito interessante em contexto de creche, iremos dar particular atenção ao segundo semestre dado que foi aí que desenvolvemos o trabalho que agora apresentamos.

No início do 2.º semestre, no âmbito da unidade curricular de Prática e Intervenção Supervisionada (PIS), começámos por experienciar novas vivências em contexto de jardim-de-infância, permitindo-nos observar o trabalho de uma educadora de infância. No caso concreto, a PIS teve lugar num Jardim-de-Infância, pertencente ao Agrupamento de Escolas de Avis.

Na primeira fase da PIS os principais objetivos foram conhecer a instituição de Educação de Infância e estabelecer contacto com o grupo antes de iniciar a componente de intervenção. Recorremos ao Manual Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias

(Bertram e Pascal, 2009) e, através de alguns dos seus instrumentos de recolha de dados, por via da observação percebermos como funcionava e como estava organizada a instituição e conhecemos e percebemos como estava organizada a sala de atividades em particular, obtendo informações pertinentes acerca da educadora de infância, da auxiliar da sala e do grupo de meninos/meninas a que nos referiremos mais adiante.

Também recorreremos, nesta fase, à Escala de Avaliação do Ambiente em Educação de Infância - ECERS (Clifford, Cryer e Harms, 2008) que permite encontrar limitações e áreas fortes dos contextos (avaliação) e, posteriormente planear, promover e, se necessário, fazer alterações nos mesmos, no sentido da promoção da qualidade, aperfeiçoando neste sentido a formação dos profissionais de educação.

Pretendeu-se ainda, ao longo da PIS, mobilizar conhecimentos e capacidades para o contexto de prática, sob a supervisão da educadora de infância cooperante e dos docentes da ESEP. A PIS decorreu de segunda a quarta-feira, com intervenção em semanas alternadas, e no horário entre 9h e as 15h30.

Os objetivos que pretendemos alcançar com o presente projeto foram:

1. Conhecer o enquadramento legal e curricular da Educação Pré-Escolar;
2. Conhecer o enquadramento legal e curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico;
3. Discutir/Refletir a importância da continuidade educativa entre a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico;
4. Discutir o conceito de articulação e de transição;
5. Conhecer as conceções dos profissionais de Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre a continuidade educativa, articulação e transição;
6. Conhecer as expectativas das crianças da Educação Pré-Escolar sobre a sua entrada no 1.º Ciclo do Ensino Básico;

7. Contribuir para a continuidade Educativa entre o Jardim de Infância e a Escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico, desenvolvendo atividades promotoras da articulação e transição.

### **1.2 Planeamento e desenvolvimento da prática usando a metodologia de investigação-ação**

Podemos começar por referir que o percurso desenvolvido se inseriu num projeto de investigação-ação que teve como apoio estrutural a relevância da continuidade no processo educativo, mais concretamente a articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Identificamos a metodologia de investigação-ação como uma metodologia adequada, uma vez que a mesma pode acontecer *“num contexto determinado, abarcando diferentes actores, onde o próprio investigador sente o problema, contribui para a mudança e engloba um percurso que combina a reflexão com a acção, num processo dialéctico, sistemático e contínuo”* (Bravo, 2010: 64).

Também Sousa (2005) refere que a investigação-ação tem um carácter eminentemente empírico e lida com problemas concretos e localizados num determinado contexto. Este autor refere ainda que é necessário planificar as ações que se sucedem no tempo, calendarizá-las previamente, como fizemos e iremos apresentar mais adiante.

A metodologia em questão admite que, depois de cada ação, se realize uma análise e avaliação e, caso seja necessário, se proceda a alterações do planeamento e procedimentos das ações seguintes. A investigação-ação é bastante participativa e auto-avaliativa, *“na medida em que há uma constante avaliação das situações, com o objectivo de procurar os caminhos mais eficazes”* (Sousa, 2005: 98).

Este tipo de investigação é considerada como um caminho que relaciona a reflexão com a ação (Bravo, 2010), é um processo dinâmico, interativo e aberto que se adapta às particularidades e fenómenos em estudo.

Também Fischer (2001), citado por Máximo-Esteves (2008), refere que para o desenvolvimento deste processo é essencial ter em consideração alguns aspetos como: planejar com flexibilidade, agir, refletir, avaliar/validar e dialogar.

A investigação-ação pretende que a participação do educador seja ativa e funcione como agente de mudança, tentando assim ajudá-lo a desenvolver estratégias adequadas, assim como proporcionar-lhe novas técnicas e instrumentos que lhe permitam examinar e conhecer a realidade. Esta metodologia possibilita uma reflexão organizada sobre a prática educativa com o objetivo de a modificar e melhorar.

Relativamente ao nosso estudo, podemos referir que pretendemos neste âmbito, desenvolver atividades impulsionadoras da continuidade educativa, procurando identificar a opinião da educadora de infância e da professora do 1.º ciclo do ensino básico, sobre o modo como promovem a articulação e controlam as dificuldades neste processo de articulação. Tentámos ainda investigar como é que as crianças vivem e encaram o momento de transição, isto é, tentámos conhecer as suas expectativas e ansiedades sobre a entrada no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Quando seguimos a metodologia de investigação-ação é necessário ter como ponto de partida a formulação de algumas questões que deverão estar relacionadas e articuladas entre si, tendo em conta os objetivos da investigação. Essas mesmas questões permitem “ (...) *focar os tópicos e antever um conjunto de decisões relativamente aos caminhos a percorrer*” (Máximo-Esteves, 2008: 80). Fischer (2001), Hubbard & Power (1993), citados por Máximo-Esteves (2008), referem que as questões formuladas deverão ter em conta algumas particularidades, nomeadamente, o facto de deverem ser encaminhadas para a ação, serem abertas, consentindo a emergência de todas as possibilidades e direcionadas para uma resposta de natureza descritiva e interpretativa.

Assim, podemos referir que, de acordo com os objetivos do estudo que pretendemos alcançar, as nossas questões de partida foram:

1. Qual é o enquadramento legal da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico?
2. Qual a importância da continuidade educativa entre estas duas etapas?

3. O que se entende por articulação e transição?
4. Como é que a continuidade educativa e a articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico são vistas pelos docentes?
5. Quais as expectativas das crianças sobre a sua entrada no 1.º Ciclo do Ensino Básico?
6. Que atividades se podem desenvolver de modo a promover a continuidade educativa entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico?

### **1.3 Instrumentos de recolha de dados utilizados e procedimentos seguidos na sua análise**

De acordo com Máximo-Esteves (2008) os instrumentos e técnicas mais usados para recolher e registar dados no âmbito da investigação-ação são: a observação, as notas de campo e diários, as entrevistas, os documentos e as imagens.

Ao longo do presente projeto de prática utilizámos essencialmente a observação, as entrevistas, as imagens e a documentação das crianças, como principais instrumentos.

De seguida procedemos à justificação do porquê desta utilização.

Começamos por referir que utilizámos a observação, pois esta é uma técnica fundamental que permite conhecer o contexto e as pessoas que nele participam assim como as interações que se estabelecem. Possibilitou-nos *“observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades”* (ME, 1997: 25).

A observação desenvolvida foi do tipo participante, uma vez que passámos a ser parte do grupo. Este tipo de observação facilita o acesso a dados sobre situações em que o grupo se encontra envolvido, mais propriamente, dados restritos e o seu comportamento. Ainda no âmbito da observação (e como já mencionámos) recorreremos

ao Manual do Projeto Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias (DQP) e utilizámos a ficha do estabelecimento educativo, a ficha do nível socioeconómico das famílias das crianças que compõem o grupo, a ficha do espaço educativo da sala de atividades, a ficha da educadora de infância e a ficha da auxiliar com o intuito de ficarmos a conhecer o espaço educativo, as crianças, a educadora e a auxiliar.

Os dados que foram recolhidos através desses instrumentos foram, mais tarde, objeto de análise descritiva de cada ficha.

No que diz respeito à documentação concebida pelas crianças, esta foi também tida em conta, e são exemplos os desenhos elaborados pelas crianças com o propósito de expressarem as suas experiências vividas e nós podermos proceder à sua respetiva análise. O desenho é um meio de expressão bastante importante através do qual podemos perceber o pensamento das crianças, assim como as suas vivências, as suas opiniões e os seus conhecimentos.

Também o uso ao recurso da fotografia foi constante como meio de registo das várias atividades que planeamos desenvolver com o grupo ao longo da PIS. Estas imagens possibilitaram um registo essencial e verdadeiro do que aconteceu no decorrer das atividades, como o seu produto final, os seus vários momentos ao longo do dia, os materiais disponíveis, etc. Este registo só foi possível de realizar com o apoio da educadora cooperante e da auxiliar da sala, be dos encarregados de educação que para isso deram a sua autorização.

Para além da utilização dos recursos já mencionados, procedemos ainda à construção de mais alguns instrumentos, nomeadamente dois guiões de entrevista (um para os docentes, outro para as crianças).

A entrevista foi essencial na investigação-ação, pois *“permitiu ao investigador elementos informativos muito ricos, pelo contacto directo entre o entrevistador e o interlocutor”* (Cruz, 2008: 147).

As entrevistas facilitam a aquisição de dados em profundidade referentes aos mais diversos aspetos da vida social, ou seja, os dados obtidos são suscetíveis de classificação e quantificação. No entanto, este recurso possui algumas limitações, como a possível falta de motivação do entrevistado; a inadequada compreensão do significado

das perguntas; o fornecimento de respostas falsas; a influência do entrevistador sobre o entrevistado; e a influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado.

As entrevistas foram realizadas à Educadora de Infância da sala 1 que exercia funções no estabelecimento em que este projeto decorreu e à professora do 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico. A educadora da sala 2 não se demonstrou disponível e também as outras professoras da escola se mostraram indisponíveis.

As entrevistas realizadas, tanto à Educadora de Infância como à Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico tinham como principal objetivo entender como é que a continuidade educativa e a articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico são vistas pelos docentes e como é que as mesmas as promovem na prática.

Passamos à descrição da estrutura e organização do guião da entrevista que organizámos e que comportava quatro blocos:

Primeiro bloco – o seu objetivo é legitimar a entrevista e os meios de registo;

Segundo bloco – identificação;

Terceiro bloco – relaciona-se com os aspetos pedagógicos e tem como principais objetivos: conhecer a opinião da educadora/professora sobre o processo de continuidade educativa, mais propriamente o processo de transição das crianças da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico; compreender como é que a articulação pode ser usada enquanto estratégia de transição e perceber se o projeto curricular de grupo pode prever a articulação.

Quarto bloco - abordagem dos aspetos organizacionais e tem como objetivo verificar se neste Agrupamento de Escolas com Jardins de Infância se pratica a continuidade educativa através da articulação entre o Jardim de Infância e a Escola do 1.º Ciclo.

Podemos referir que na realização dos guiões das entrevistas nos auxiliámos de autores como Sousa (2005), Carvalho (2010), Bravo (2010) e Aniceto (2010).

O uso das entrevistas foi também essencial para tentarmos compreender as expectativas das crianças em relação à sua ida para a escola, mais propriamente para o 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico e as suas conceções acerca de quem pensam que é o(a) professor(a) do 1.º ciclo.

Para a realização das entrevistas feitas às crianças tivemos que pedir consentimento aos encarregados de educação, que acederam sem problemas.

De acordo com Graue & Walsh (1998), Formosinho & Araújo (2007) referidos por (Máximo-Esteves, 2008), entrevistar crianças é bastante diferente de entrevistar adultos, ou seja, o desempenho do entrevistador é bastante importante e este deverá saber conversar com crianças, tendo especial cuidado na linguagem utilizada, devendo esta ser adequada às crianças e também as questões devem ser indiretas para que a crianças as consigam entender e responder.

As entrevistas às crianças devem ainda ser efetuadas em contextos familiares, de modo a que as crianças se sintam motivadas e à vontade para responder às questões, concebendo assim narrativas mais ricas (Máximo-Esteves, 2008). Realizámos as entrevistas com o maior cuidado, tentando recorrer sempre à utilização de uma linguagem simples, à formulação de questões indiretas e usando como local para as entrevistas a própria sala (quando as crianças se encontravam no recreio). Antes de iniciarmos a realização das entrevistas apresentámos uma breve explicação ao grupo acerca do que iríamos fazer.

O guião que previamente construímos integrava os seguintes blocos:

Primeiro bloco - legitimar a entrevista e os meios de registo. Esta legitimação fez-se com os encarregados de educação através das autorizações que os mesmos nos concederam para realizar as entrevistas com as crianças;

Segundo bloco – identificação;

Terceiro bloco - conhecimento das opiniões da criança sobre a sua entrada no 1.º ano;

Quarto bloco - conhecimento das opiniões da criança sobre a sua visita à sala do 1.º ano.

Quinto bloco – relaciona-se com a análise efetuada à documentação das crianças.

## **2. Contexto: estabelecimento educativo onde decorreu a ação**

O Jardim de Infância, pertencente ao Agrupamento Vertical das Escolas de Avis (figura 1), localiza-se no centro da vila de Avis.



Imagem 1 – Vista do Jardim de Infância/Escola de Avis

O edifício possui três salas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente a sala do 1.º ano, a do 2.º ano e a do 3.º ano. Possui também duas salas de Educação Pré-Escolar, a sala 1 e a sala 2, duas salas de apoio, duas casas de banho de apoio às salas de Educação Pré-Escolar, quatro casas de banho para os alunos do 1.º ciclo, duas casas de banho para os docentes e funcionários, um refeitório e um pátio com alguns materiais didáticos para as crianças brincarem nos recreios e um ginásio, onde as crianças têm aulas de expressão física-motora e/ou realizam atividades de expressão dramática.

O horário de funcionamento é das 8h às 17.30m, estando a componente letiva a funcionar das 9h às 12h00m e das 14h às 16h.

### **2.1 Constituição e caracterização do grupo de crianças**

O grupo de crianças da sala 1 é constituído por 19 crianças, das quais nove são do sexo feminino e dez são do sexo masculino.

Trata-se de um grupo heterogéneo, havendo seis crianças com três anos, quatro com quatro anos de idade e nove com cinco anos. Oito transitaram da creche da Santa Casa da Misericórdia de Avis para o jardim-de-infância pela primeira vez, enquanto as restantes se mantiveram no grupo dos anos anteriores.

Trata-se de um grupo muito ativo, que de certo modo obrigava ao desenvolvimento contínuo de tarefas e atividades diversificadas em harmonia com os seus interesses e necessidades.

Verifica-se ainda a criação de laços afetivos entre si, ou seja, a capacidade de interajuda, com os/as amigos/as com quem querem estar juntos num determinado espaço, nas brincadeiras e nas realizações de atividades.

Apesar de todo o grupo merecer a nossa atenção, iremos descrever e focar-nos mais em particular no grupo de crianças de cinco anos, pois no âmbito deste projeto, é este o grupo que transita para o 1.º ano do 1.º ciclo do ensino básico.

Neste grupo de nove crianças, quatro são do sexo feminino e cinco são do sexo masculino, com imensa vontade de aprender tudo o que lhes é transmitido e cheias de vontade de novas experiências e vivências. Estas crianças, que estavam prestes a efetuar a transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, são muito participativas e unidas, prestando ajuda entre si sempre que necessário. São alegres, conseguindo, geralmente, realizar o pretendido.

### 3. Ação em contexto

#### 3.1 Reflexão específica no âmbito da “Importância da Continuidade Educativa e da Articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico”

Iremos agora apresentar os contributos que nos ajudaram a conhecer e perceber a opinião das crianças sobre uma nova etapa que se avizinha, a sua entrada no 1.º Ciclo do Ensino Básico, assim como as atividades que desenvolvemos com o grupo nesse sentido. Das quatro atividades propostas, três delas foram desenvolvidas com todo o grupo, embora no contexto deste relatório se destaquem apenas as nove crianças que irão transitar para o 1.º ciclo.

Estes contributos resultaram da observação participada, da análise da documentação das crianças, destacando os desenhos e as entrevistas realizadas às crianças.

Iremos ainda apresentar os contributos que ajudaram a compreender como é que a continuidade educativa e a articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico são encaradas pelas respetivas docentes, tanto a educadora de infância como a professora do 1º ciclo que exerciam nesta escola do Agrupamento de Escolas de Avis.

O projeto foi desenvolvido de acordo com a seguinte calendarização:

Atividades	Data	Objetivos
<b>Vamos visitar/conhecer a sala do 1.º ano.</b>	12 de maio de 2014	- Visitar a escola do 1.º ciclo; - Contactar com um novo espaço físico; - Visitar a sala do 1.º ano.
<b>Registo da visita à sala do 1.º ano</b>	13 de maio de 2014	- Registar através de um desenho o que mais gostaram da visita.
<b>Visita dos alunos do 1.º ano à sala da educação pré-escolar- História de roda</b>	4 de junho de 2014	- Receber os meninos do 1.º ano na sala e realizar em conjunto uma história de roda.

<b>Entrevistas individuais às crianças</b>	Últimas semanas de junho de 2014	- Conhecer as opiniões das crianças acerca da entrada no 1.º Ciclo; - Conhecer as opiniões acerca da visita que fizeram à sala do 1.º ano.
<b>Entrevistas às docentes</b>	Últimas semanas de junho de 2014	- Conhecer as opiniões e estratégias das docentes sobre a articulação curricular entre os dois níveis.

Quadro 1 - Calendarização do Projeto

## **A. Atividades realizadas com as crianças**

### **1.ª Atividade: Vamos visitar/conhecer a sala do 1.º ano**

Esta primeira atividade consistiu em as crianças irem visitar a sala do 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, para terem noção do seu espaço físico, da sua organização e da nova realidade a que vão estar sujeitos.

A atividade tinha como principais objetivos:

- que as crianças contactassem com o novo espaço físico, da escola e da sala de aulas do 1.º ciclo do Ensino Básico;
- que as crianças percebessem que a sala do 1.º ano funciona de modo diferente do Jardim de Infância;
- que as crianças estabelecessem contacto com os colegas do 1.º ciclo e com a respetiva docente.

Pretendíamos que as crianças experienciassem este novo contexto, contactando com esta nova realidade para que, mais tarde, o impacto por parte da criança ao ingressar no 1.º ciclo fosse mais fácil de realizar, ou seja, este conhecimento prévio pretendia uma preparação que facilitasse o processo de transição.

Esta atividade foi realizada na 3.ª semana de intervenção, logo no início do período da tarde, e contou com todo o grupo de crianças, que foi na sua totalidade em conjunto com a educadora cooperante, com a auxiliar e com a estagiária visitar e estabelecer contato com sala do 1.º ano. A atividade foi realizada com todo grupo, no entanto quem mais questionou a professora do 1.º ano e quis saber mais pormenores foi

o grupo dos nove meninos/as que irão realizar a transição para o 1.º ano no próximo ano letivo.

Todas as crianças gostaram de conviver e partilhar experiências umas com as outras; os meninos do 1.º ano gostaram da visita dos seus colegas da educação pré-escolar e respondiam a várias questões que eram colocadas assim como também a professora respondia. As questões foram várias, como por exemplo: *“Gosta da sua profissão? O que mais gosta de ensinar aos meninos? Os meninos portam-se bem? A professora Madalena também conta histórias aos meninos? O que é mais difícil no 1.º ano? O que gostam mais de aprender? Costumam ouvir histórias?”*, entre outras que tinham sido anteriormente planeadas entre os meninos/as da sala de educação pré-escolar, No entanto, muitas mais questões surgiram durante a atividade.



Imagens 2, 3 e 4 – Visita à Sala do 1º ano

## **2.ª Atividade: O registo da visita à sala do 1º ano**

Esta segunda atividade teve como objetivo que as crianças registassem a visita à sala do 1.º ano através do desenho. Com este registo foi possível perceber o que mais marcou cada criança durante aquela visita. Segundo Corsi (s.d.: 2), “(...) *ao desenhar, a criança não reproduz lembranças visuais, mas experimenta, constrói e traduz sensações e pensamentos. O desenho é, então, a expressão do que a criança sente e pensa, como um espelho, uma imagem representativa dela própria.*”

Esta atividade começou na área das almofadas no dia seguinte à visita. Conversámos em grande grupo sobre a visita realizada e fomos questionando as crianças:

- “*Gostaram de ir à sala do 1º ano?*”;
- “*O que fizeram lá na sala?*”;
- “*O que mais gostavam de ver na sala?*”;
- “*Acham que, quando forem para o 1.º ano, vai acontecer o mesmo que viram?*”.

Após o diálogo estabelecido com o grupo, solicitamos às crianças que fizessem o desenho, onde teriam de desenhar/registar o que mais gostaram da visita. O grupo, em geral, respondeu positivamente e iniciaram a atividade. Aos registos associam-se os comentários que as crianças teceram e que registámos.



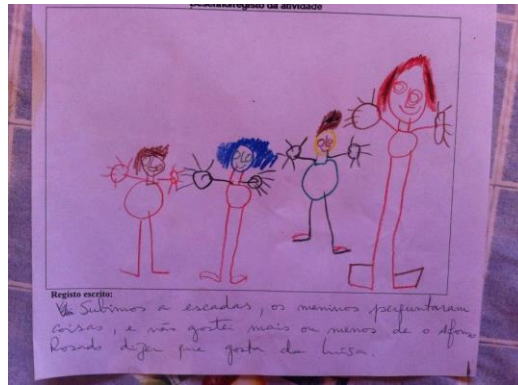
Desenhei-me a mim, o Afonso C., a Luisinha e a professora Madalena, porque ela disse que eu gostava da Luisinha.

Imagem 5 – Desenho e comentário do Afonso R.



Desenhei-me e mim e a professora Madalena, porque a gostei muito de conhecer.

Imagem 6- Desenho e comentário da Carmen.



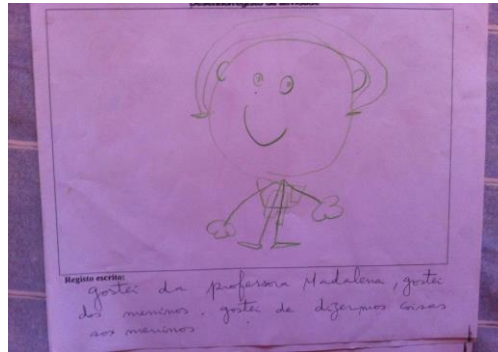
Desenhei a Nati , eu , a Inês e a Raquel a irmos para a sala do 1º ano. Tivemos de subir as escadas, mas não consegui desenhar as escadas.

Imagem 7- Desenho e comentário do Rafael.



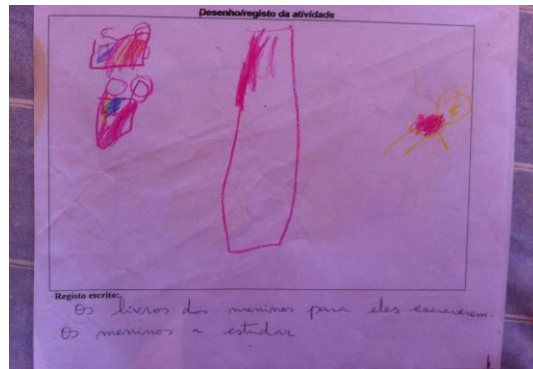
Eu desenhei-me a mim, a Maria e a Laura na sala do 1º ano, porque gostei muito de visitar a sala, porque é muito bonita.

Imagem 8- Desenho e comentário do Afonso C.



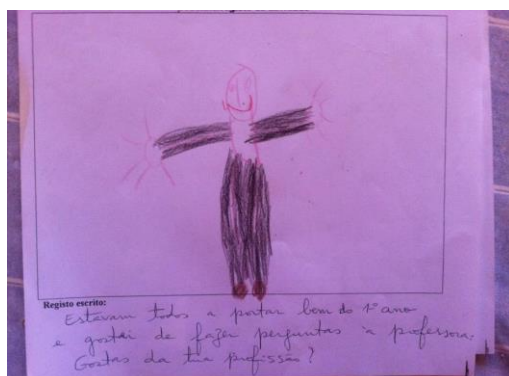
Eu desenhei a professora Madalena, porque gostei muito dela, ela era muito simpática e bonita.

Imagem 9- Desenho e comentário da Raquel.



Eu desenhei os meninos a estudar e a estante dos livros deles.

Imagem 10 - Desenho e comentário da Laura.



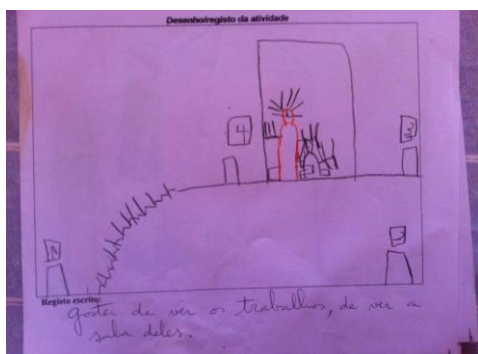
Eu desenhei-me a mim na sala do 1º ano a fazer perguntas aos meninos grandes e à professora Madalena.

Imagem 11- Desenho e comentário do Miguel.



Eu desenhei-me a mim e aos meninos a entrarmos na sala do 1º ano, os meninos do 1º ano estavam lá dentro a portar-se bem.

Imagem 12- Desenho e comentário da Inês.



Eu desenhei o caminho que fizemos para a sala do 1º ano, as escadas e nós a entrarmos na sala.

Imagem 13- Desenho e comentário do Salvador.

Fazendo uma análise às imagens apresentadas percebemos que, de uma forma geral, as crianças desenharam-se a elas próprias e aos seus colegas, salientando o que mais gostaram de fazer durante o percurso realizado até à sala do 1.º ano. Também aparece documentada a figura do(a) educador(a) e do a) do(a) professor(a) e a presença dos alunos.

### **3.ª Atividade: Visita dos alunos do 1º ano à sala do pré-escolar- História de roda**

A terceira atividade teve como objetivo que os alunos do 1.º ano fizessem uma visita à sala da educação pré-escolar e, em conjunto, realizarem uma história de roda. Foi pensada mais uma vez com o intuito das crianças socializarem entre si, promovendo a transição da educação pré-escolar para o 1.º ciclo, uma vez que a convivem entre si e com a professora podem ficar mais cientes do contexto onde se irão integrar a partir de setembro.

A história de roda foi uma sugestão da supervisora da ESEP que nos acompanhou ao longo do projeto/estágio e foi uma atividade em que as crianças participaram com alegria e de modo ativo. Em conjunto, as crianças da educação pré-escolar e do 1.º ano do 1.º ciclo construíram uma história; cada criança foi sempre acrescentando um bocadinho de história no seguimento do que o outro tinha dito, formando no final uma história com a participação de todos. Esta atividade conseguiu que duas faixas etárias distintas trabalhassem em conjunto, entreadjudando-se e articulando-se para que o produto final fosse fruto do “trabalho” de ambos.

A atividade foi bastante divertida e dinâmica, suscitando o interesse não só dos meninos/as da educação pré-escolar como o interesse dos meninos/as do 1.º ciclo. Reforçamos a importância desta articulação vertical (Morgado e Tomaz 2009), citados por Barbosa, (2010: 11).

Por questões técnicas não conseguimos documentar o desenvolvimento desta atividade.

## **B. Entrevistas realizadas às crianças**

### **4.<sup>a</sup> Atividade: Entrevistas individuais às crianças**

Em consenso com a educadora responsável, optámos por realizar as entrevistas nas últimas semanas de junho. A atividade começou no cantinho das almofadas onde começámos por perguntar se os meninos e meninas ainda se lembravam da visita que tínhamos feito à sala do 1.º ano, colocando ainda questões como “ *Acham que foi importante essa visita? Então agora vem comigo a Raquel para me contar mais coisas sobre a nossa visita*”.

As entrevistas foram feitas individualmente na sala quando os restantes meninos estavam no intervalo. Como não conseguimos realizar todas as entrevistas durante o intervalo fizemos ainda algumas na sala de apoio.

Relativamente à interpretação dos dados resultantes das entrevistas podemos referir que conseguimos analisar vários aspetos, tais como: as funções das instituições, o papel do educador/professor, a tipologia de atividades e a importância da atividade realizada.

Constatámos que todas as crianças gostam de andar no jardim-de-infância e gostam muito da educadora. Relativamente às expectativas da sua entrada para o 1.º ano podemos referir que, de forma generalizada, as crianças demonstraram alguma ansiedade e bastante expectativa sobre o ingresso no 1.º ano. Esta ansiedade foi traduzida através das seguintes respostas:

*“ Acho que vai ser muito bom ir para o 1.º ano, pois vou aprender muitas coisas novas, acho eu, e fazer novos amigos” (Miguel).*

*“Eu estou muito contente de ir para o 1.º ano, pois vou com o Afonso C. e vamos aprender muitas coisas novas e brincar a outras coisas mais fixes” (Afonso R.).*

*“Vai ser muito fixe, vou gostar muito de ir para o 1.º ano para aprender a ler e depois já posso contar histórias à minha mãe” (Afonso C.).*

*“Porque quero fazer mais amigos novos e brincar a outras coisas” (Rafael).*

*“Vou gostar muito de ir para o 1.º ano, porque os meninos do 1.º ano aprendem muitas coisas novas, parece muito divertido” (Inês).*

*“Porque quero aprender a ler” (Laura).*

*“Acho que o 1.º ano vai ser muito divertido, porque vou aprender muitas coisas novas” (Raquel).*

*“Quero ir para o 1.º ano para aprender coisas novas, mas vou ter muitas saudades da Natividade” (Carmen).*

Verificamos, através destes excertos que, é perceptível a diferença que atribuem relativamente às funções do Jardim de Infância e da escola, sendo que as expectativas que estes têm são as mais variadas. Ou seja, enquanto a função do Jardim de Infância aparece mais associada a um local onde se brinca, a escola do 1.º ciclo aparece com a função essencial de aquisição de novos saberes, nomeadamente *“aprender a ler”, “fazer contas”*.

Podemos ainda referir que, também, as opiniões das crianças relativamente à questão *“o que gostam mais de fazer no Jardim de Infância e o que pensavam acerca do que vai ser o 1º ano”*, deixaram transparecer as seguintes ideias:

<b>Respostas acerca do Jardim de Infância</b>	<b>Respostas acerca do 1º ano</b>
“Gosto muito de brincar no cantinho da garagem e com os jogos de mesa” (Miguel)	“ Vou aprender a ler e muitas coisas, como contas da matemática” (Miguel)
“ Gosto de brincar no recreio com os meus amigos e fazer jogos com o Rafael” (Salvador)	“ Vou aprender a escrever e a ler” (Salvador)
“ Gosto de brincar na garagem e no recreio” (Rafael)	“ Vou aprender a escrever muitas coisas e ter trabalhos de casa” (Rafael)
“ Gosto de fazer jogos de mesa com o Afonso R.” (Afonso C.)	“ Acho que vou aprender muitas coisas, a ler e a escrever, ah e contas de matemática” (Afonso C.)
“ Gosto de brincar na garagem com os meus amigos, mais com o Afonso C” (Afonso R.)	“ Acho que vou aprender muitas coisas” (Afonso R.)
“ Gosto de ver livros e brincar na casinha” (Inês)	“ Vou aprender a escrever muitas coisas e a ler livros” (Inês).
“ Gosto de brincar no cantinho do médico e ao faz de conta” (Laura)	“ Vou aprender a ler e a escrever muitas coisas” (Laura)
“ Gosto de brincar na casinha com a Inês e gosto quando a Natividade conta histórias” (Raquel)	“ Acho que vou aprender coisas muito giras” (Raquel)
“ Gosto de brincar na casinha e na garagem” (Carmen)	“ Acho que vou aprender muitas coisas” (Cármén)

Quadro 2 – O que mais gostam de fazer no jardim-de-infância e o que pensam ir aprender na escola

Também o papel do educador/professor é central na transição da educação pré-escolar para o 1.º ciclo e o seu papel está diretamente relacionado com as funções atribuídas a cada instituição, sobressaindo uma diferenciação nítida de campos de atuação. Apresentamos alguns comentários que as crianças teceram durante a entrevista, diferenciando estes dois papéis, ou seja, a sua opinião acerca “ *Do que mais gostam que a Natividade (educadora) faça com eles e sobre o que acham que vão aprender com a professora do 1.º ano do Ensino Básico do 1.º ciclo*”.

O papel do Educador	O papel do Professor
“ Gosto que a Natividade conte histórias e faça trabalhos de pintura” (Miguel)	“A ler e a escrever” (Miguel)”
“ Gosto quando a Natividade traz os porquinhos-da-Índia e nos deixa brincar com eles” (Rafael)	“ Não sei, se calhar muitas coisas” (Rafael)
“ Gosto quando fazemos trabalhos difíceis” (Salvador)	“ A fazer contas” (Salvador)
“ Gosto quando a Natividade brinca connosco nos cantinhos” (Afonso C.)	“ A escrever muitas coisas” (Afonso C.)
“ Gosto quando fazemos trabalhos com tintas” (Afonso R.)	“ Coisas sobre motas e outras coisas” (Afonso R.)
“ Gosto quando a Natividade me dá bolachas das delas” (Cármén)	“ Não sei” (Cármén)
“ Gosto quando fazemos muitos trabalhos” (Raquel)	“ Acho que me vai ensinar muitas coisas” (Raquel)
“ Gosto quando a Natividade traz coisas giras para vermos” (Inês)	“ Acho que vai ensinar a ler, a escrever a fazer outras coisas” (Inês)
“ Gosto quando fazemos trabalhos com plasticina” (Laura)	“ Não sei” (Laura)

Quadro 3 – O papel do Educador e do Professor: opiniões das crianças

Verificamos que as crianças demonstram diferentes conceções acerca do Jardim de Infância e acerca da escola, ou seja, as respostas que dão às questões que lhe foram colocadas demonstram as suas ideias sobre a nova realidade para onde irão transitar. Assim, podemos referir que, à semelhança do registo da visita à sala do 1.º ano, as crianças centraram-se mais uma vez na organização do espaço físico das atividades e nos trabalhos e áreas de aprendizagem, ou seja, as crianças parecem distinguir a Escola do Jardim de Infância pelo seu lado *‘académico e escolar’*.

No entanto, também a dimensão pessoal e social é muito valorizada pelas crianças e, a esse nível evidenciam os amigos e os adultos, parecendo revelar que nessa dimensão haverá um percurso em continuidade e sem ruturas.

Tendo em atenção a investigação de Cruz (2012), numa atividade semelhante a esta, verificamos que algumas das respostas obtidas convergem com as respostas obtidas neste grupo. Nomeadamente, o facto de as crianças parecerem distinguir a escola do jardim-de-infância, pelo seu lado ‘*académico e escolar*’, como pudemos constatar através das suas declarações quando questionadas acerca das suas expectativas sobre a etapa que se avizinha: “*Vou aprender a ler e a escrever muitas coisas*”; “*Vou aprender a escrever muitas coisas e ter trabalhos de casa*”.

### **C. Entrevistas à Educadora e à Professora do 1.º ciclo**

#### **5.ª Atividade: Entrevistas à Educadora e à Professora do 1.º ciclo**

As entrevistas tiveram como objetivo conhecer as conceções e as estratégias das docentes sobre a continuidade educativa e a articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A educadora cooperante possui uma licenciatura em Educação de Infância e vinte e cinco anos de serviço. Exerce funções neste Agrupamento de Escolas com Jardins de Infância há dois anos inclusive. Desempenha, ainda funções na equipa de avaliação de docentes no Agrupamento, em representação da educação pré-escolar. A professora do 1.º ciclo é licenciada em 1.º Ciclo do Ensino Básico e exerce esta profissão há vinte e quatro anos. Exerce funções neste Agrupamento há cinco anos e não desempenha mais funções além das docentes.

Optámos por apresentar as respostas da Educadora e da professora de modo simultâneo, sucedendo-se a resposta de uma à de outra.

De acordo com Aniceto (2010: 76), a transição corresponde a uma “*fase ou período intermédio numa evolução ou processo evolutivo (...) elemento que serve de passagem entre dois temas*”. A transição da criança da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico é um momento muito importante para a criança e os profissionais de educação deverão dar bastante atenção a este momento, organizando e planificando atividades, uma vez que “*a mudança de ambiente educativo provoca*

*sempre a necessidade de adaptação por parte da criança que entra para um novo meio social em que lhe são colocadas novas exigências” (ME, 1997: 89).*

Assim, decidimos questionar a educadora acerca da importância que esta atribui ao momento de transição. A educadora afirmou que *“A transição é um momento muito importante e marcante para as crianças e para as famílias e transmite às crianças uma atitude positiva, segurança e motivação para estas iniciarem o ensino obrigatório”*.

Como se pode verificar, a educadora atribui importância ao momento de transição e destaca ainda que *“é preciso alguma atenção para que as crianças a vivam com tranquilidade e não sintam uma ansiedade excessiva”*. Segundo a sua opinião, a transição é um processo que se vive ao longo do ano letivo, embora se comece a trabalhar mais a partir de janeiro/fevereiro e envolve não só a necessidade de realizar atividades em conjunto como também realizar atividades que promovam o desenvolvimento da criança, tanto a nível pessoal e social, como a nível cognitivo.

Questionámos a educadora acerca da sua opinião sobre a visita que realizámos à sala do 1.º e a mesma respondeu: *“ Penso que estes acontecimentos são muito importantes e deveriam ser mais vezes realizados, para que a barreira que existe entre o pré-escolar e o 1.º ciclo seja um pouco quebrada, tornando a transição dos meninos do pré-escolar para o 1.º ciclo mais fácil.”*

Relativamente à preparação que faz com as crianças que irão transitar para o 1.º ciclo, a educadora refere que utiliza algumas estratégias como: *“Participação em atividades conjuntas ao longo do ano; Visitas às salas do 1º ciclo; Entrevistas; Visitas das crianças e professora do 1.º ciclo ao jardim-de-infância; Partilha de saberes entre o Jardim-de- Infância e 1.ºciclo, em pequenos projetos.”*

Pode-se assim verificar, que a educadora *“prepara”* as crianças para o seu ingresso no 1.º ciclo e que nessa preparação existe um trabalho de articulação também com as professoras do 1.º ciclo, para que em parceria desenvolvam atividades e estratégias facilitadoras de uma transição positiva e motivadora.

Segundo as OCEPE (ME, 1997) é fundamental criar condições benéficas para que o ingresso da criança no 1.º ciclo seja efetuado com sucesso. Para isso é necessário atingir três tipos de condições que nos ajudem a facilitar a integração da criança numa

nova realidade: o nível do comportamento (de modo a facilitar a integração da criança no quotidiano do grupo); o nível das aquisições (as crianças no final da Educação Pré-Escolar deverão ter efetuado aprendizagens nos diferentes domínios); e a nível das atitudes.

Também a professora do 1.º ciclo atribuiu importância à transição das crianças entre o Jardim de Infância e a escola, dizendo assim: “ *Esta transição é bastante importante, portanto devemos fazê-la com calma, tentando conhecer bem os meninos, e primeiro apresentar-lhe atividades que eles gostem para os motivar, uma vez que a sua realidade anterior foi diferente desta nova que vão viver, é portanto importante que os tentemos motivar através daquilo que gostam para tentarmos atingir os objetivos que pretendemos*”.

Na opinião da professora do 1º ano, já há uma grande preparação destas crianças pela educadora. No entanto, e não sendo o caso em questão, esta considera que muitas vezes a preparação também é excessiva e desadequada.

Marchão (2002: 38) defende que a intervenção no Jardim de Infância não deve ser transformada em escolarização, “*as exigências nos diferentes contextos são compatíveis e os papéis, as actividades em que o sujeito se envolve permitem o desenvolvimento de processos de confiança mútua, orientação positiva e consenso de objetivos entre os contextos e um equilíbrio de poder promotor do sujeito em desenvolvimento.*” A mesma autora (2002: 37) refere ainda que para que o processo de transição da criança seja positivo é necessário que educadores de infância e professores partilhem, colaborem e encarem “*a aprendizagem das crianças numa perspectiva ecológica, em que as experiências anteriores permitem significados e necessariamente experiências futuras mais consistentes e concretas*”, referindo que é necessário cuidar os processos de transição no quadro da continuidade educativa.

A educadora referiu que “*a articulação curricular é importante, pois há uma partilha de conhecimentos e um enriquecimento das crianças*”. A professora, relativamente à mesma questão, frisou que “*a articulação é realmente importante e deve ser feita desde o início do ano letivo*”.

Questionámos a educadora, se quando organizou o projeto curricular de grupo teve em consideração a articulação curricular com o 1.º ciclo, ao que ela respondeu que

“ *Sim tentei manter em consideração essa articulação o mais possível, por isso tentei logo no primeiro dia de aulas uma aproximação entre as duas faixas etárias, usei as atividades de festividades, projetos em comuns e partilha de conhecimentos como estratégias dessa articulação*”. Esta prática, como salienta Vasconcelos, é muito importante e convém “*criar espaços e tempos de reunião para partilha, discussão e planificação conjunta, para avaliação sistemática*” (2002:6).

Serra (2004: 120) considera que se deve ir mais longe e fazer algo mais por esta articulação, referindo que “*a importância que assume, para a faixa etária, a continuidade educativa leva a que se equacionem práticas de articulação curricular activa, nomeadamente através de uma convergência de âmbito curricular assente, sobretudo, no pressuposto de que a criança é um ser em desenvolvimento, o que leva a uma interpretação construtivista da aprendizagem e da própria actuação educativa (...).*”

Também à professora do 1º ciclo foi colocada a seguinte questão: “ *Quando recebe as crianças que vêm da educação pré-escolar prepara essa transição em conjunto com a educadora? Quais as estratégias que usa?*” A professora respondeu: “*Costumo fazer um acolhimento ao longo do primeiro mês, depois desenvolvo atividades para desenvolver motricidade fina e regras de sala de aula. O acolhimento é sempre preparado em conjunto com as educadoras, e surgem atividades em conjunto*”.

Tal como se pode verificar, o processo de transição não é fácil e trabalhar no sentido da continuidade educativa parece ainda algo difícil, sendo necessárias condições, como por exemplo, partilha do mesmo espaço, e disponibilidade e vontade dos docentes envolvidos. Marques (1988), citada por Bento (1999: 56), considera que “*a construção do Jardim de Infância junto aos edifícios das escolas primárias é uma boa estratégia de aproximação. Mas é preciso, também, aproximar os currículos nos dois sentidos*” e para que esta aproximação seja possível é necessário que os docentes mostrem vontade e disponibilidade, caso contrário torna-se impossível. Também, na opinião da educadora e da professora que entrevistámos, verifica-se que existe uma dificuldade em desenvolver estratégias de articulação e que essas estratégias estão dependentes da disponibilidade e vontade dos profissionais.

Consultando também a Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007, verificamos que *“entre as estratégias facilitadoras de articulação entre o jardim-de-infância e a escola do 1.º ciclo contam-se os momentos de diálogo envolvendo docentes, pais e crianças, o desenvolvimento de actividades conjuntas ao longo do ano lectivo, bem como a organização de visitas guiadas aos respectivos estabelecimentos (...) e reuniões conjuntas, destinadas à troca de informação sobre as crianças e as aprendizagens por estas realizadas.”*

Outra das questões colocada, foi se na preparação da transição das crianças, e a fim de promover a articulação entre ciclos, é importante que a professora do 1.º ciclo tenha acesso à avaliação da criança feita pela educadora. Perante esta questão a educadora respondeu: *“Sim é importante, pois assim a docente do 1.º ciclo toma conhecimento sobre o desenvolvimento da criança, fazendo referência às aprendizagens e competências essenciais, bem com as suas dificuldades.”*

A professora do 1.º ciclo perante a mesma questão respondeu: *“Sim é importante pois assim podemos ter conhecimento abrangente do percurso do aluno, nomeadamente as suas dificuldades.”*

É importante ter em consideração essa avaliação, contudo é preciso não rotular as crianças. Carvalho (2010: 123) considera que *“esta avaliação diagnóstica, no entanto, pode comportar alguns riscos se os docentes não assumirem o seu carácter transitório e temporário e não assumirem uma postura de avaliação constante. Não se objectiva com este processo “rotular” ou “estigmatizar” os alunos; pelo contrário, objectiva-se conhecer necessidades e potencialidades do aluno que permitam uma prática adequada que conduza ao sucesso educativo.”*

Tanto a educadora como a professora do 1.º ciclo consideraram existir articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico neste Agrupamento, o que responde ao artigo 6.º do Decreto-Lei 115/A/98: *“a constituição de Agrupamentos considera, entre outros, critérios relativos à existência de projectos pedagógicos comuns, à construção de percursos escolares integrados, à articulação curricular entre níveis e ciclos educativos, à proximidade geográfica, à expansão da Educação Pré-Escolar e à reorganização da rede educativa.”*

A educadora referiu: “*Sim existe alguma articulação, nomeadamente ao longo do ano, de modo a partilharmos os projetos desenvolvidos, as aprendizagens das crianças e as suas problemáticas, no entanto poderia funcionar mais um pouco, mas é como tudo*”.

Também a professora do 1.º ciclo exprimiu a sua opinião perante este assunto e referiu que: “*Sim considero que existe articulação em reuniões e sempre que é necessário*”.

Questionámos ainda a educadora e a professora acerca de quem, no agrupamento de escolas, deve promover esta articulação entre estes dois ciclos, ao que a educadora responde prontamente: “*Esta articulação deve ser feita por todos os intervenientes no processo educativo*”. Também a professora respondeu: “*Considero que esta articulação deve ser feita por todos os docentes, ou pelo menos deveria ser feita*”.

Tal como a educadora e a professora do 1.º ciclo referiram esta articulação deve ser promovida por todos aqueles que fazem parte da comunidade educativa. Vasconcelos (2002), citada por Bravo (2010: 43) refere que “*(...) passa por o educador e o professor desenvolverem “projectos educativos comuns”, não se limitando a encontros ou actividades episódicas, mas antes construírem e desenvolverem um trabalho “sistemático e articulado”. (...) este trabalho de construção e desenvolvimento de projectos educativos comuns exige a criação de espaços e tempos de partilha, de intercâmbio, de discussão e planificação conjunta, tendo como referência a faixa etária das crianças e grupos envolvidos, para que a observação e avaliação possam permitir a construção e reconstrução das medidas tomadas.*”

Questionámos as docentes sobre se estas consideram que é fácil organizar e desenvolver situações de articulação, tendo em conta os objetivos da educação pré-escolar e se na sua opinião existem constrangimentos que dificultem a articulação entre estes dois ciclos.

Relativamente à primeira questão, a educadora respondeu: “*Sim é fácil, pois as áreas são similares em ambos os níveis de ensino*”. A professora respondeu: “*Sim é fácil, e penso que todos os docentes do 1.º ciclo deveriam conhecer o programa do pré-escolar*”.

Relativamente à segunda questão, acerca dos constrangimentos que possam dificultar a articulação entre estes dois ciclos, a educadora referiu: “*Na minha opinião não existem quaisquer constrangimentos*”. Também a professora respondeu: “*Neste momento não existem, posso dizer-lhe que ao longo dos meus anos de serviço foram desaparecendo*”.

Em síntese, podemos referir, através das opiniões das profissionais, que neste Agrupamento ainda há algumas arestas para limar, pois a articulação curricular que se pratica não é suficiente, podendo esta “*(...) funcionar um pouco melhor, mas é como tudo*”(Educadora).

#### **4. Reflexão global da prática de ensino supervisionada**

Este percurso que correspondeu à Prática de Intervenção Supervisionada decorreu ao longo do segundo semestre no Jardim de Infância de Avis.

Esta Unidade Curricular possibilitou-nos “*observar cada criança e o grupo permitindo-nos conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem*” (ME, 1997: 25). Este contato com o grupo constituiu-se como uma mais-valia, pois o conhecimento do grupo permitiu fazer uma melhor adequação do processo educativo que desenvolvemos ao longo do semestre.

O segundo semestre foi considerado um momento de formação em que mobilizámos os nossos conhecimentos e capacidades no contexto de prática. Ao longo deste percurso tentámos organizar a ação pedagógica recorrendo a uma pedagogia em participação, que se baseia na “*(...) integração das crenças e dos saberes, da teoria e da prática, da ação e dos valores*” (Oliveira-Formosinho, 2007: 20). Verificámos que as crianças se encontravam na sala de atividades para brincar, estabelecer interações e fazer descobertas, tendo o educador como mediador. Tentámos assim fazer o mesmo, ser mediadores daquelas crianças levando-as a realizar descobertas, criando as suas próprias aprendizagens, considerando-as como sujeitos do processo educativo.

Ao realizar a prática educativa tivemos em conta vários aspetos, nomeadamente:

- as crianças do grupo,
- as suas rotinas e hábitos,
- as características e organização da sala de atividades e o material disponível.

Foi, tendo em conta estes aspetos que tentámos planificar aprendizagens diversificadas e significativas, sabendo que neste sentido cabe ao educador “*(...) planear situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada crianças*” (ME, 1997: 26).

Os primeiros dias não foram fáceis, apesar de já conhecermos alguns meninos do grupo (ainda que em outro contexto) e o nervosismo, os receios, os medos eram alguns, “*Será que vou ser capaz? Será que vou conseguir?*”.

A implementação das atividades nem sempre decorreu como o planeado e, de facto, numa fase inicial, foram sentidas algumas dificuldades na organização do ambiente educativo, mais propriamente na gestão do tempo e do grupo. Verificámos assim que na conceção de um plano é necessário conhecer bem o contexto, estar no “terreno” e vivenciar as situações. Antes disso não temos noção do tempo que devemos planear para cada atividade.

Relativamente à gestão do grupo, por ser um grupo heterogéneo e um pouco agitado, sendo constituído por crianças com 5/6 anos, com 4 anos e por crianças de 3 anos, havia alguns momentos de distração e perturbação. Apercebemo-nos que tínhamos de desenvolver uma estratégia para mudar esta realidade, procedendo a uma reorganização do grupo, não permitindo, por exemplo, que as crianças mais agitadas se sentassem junto umas das outras e destabilizassem as mais novas.

O objetivo foi sempre tentar proporcionar uma ambiente estimulante de desenvolvimento, promovendo aprendizagens através de atividades diversificadas e significativas, realizando atividades que estimulassem as crianças, introduzissem novos conceitos e transmitissem valores. O planeamento das atividades foi realizado tendo em conta as temáticas definidas em consenso com a Educadora, e a este nível foi sentido um enorme apoio por parte da educadora o que permitiu sentir menos dificuldades na abordagem de algumas das temáticas, pois quase sempre conseguimos despertar a atenção e curiosidade das crianças. Foi por isso importante desenvolver uma prática reflexiva, que nos permitiu tomar consciência da ação, avaliando o processo e os seus efeitos, de modo a responder às necessidades e características do grupo.

Nesse sentido, tentámos que fosse estabelecida uma interligação entre as diferentes áreas de conteúdo, nomeadamente, a área da Formação Pessoal e Social, área da Expressão e Comunicação (domínio das expressões, domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e domínio da matemática) e a área do Conhecimento do Mundo. Como referem as OCEPE, “ (*...*) *as diferentes áreas de conteúdo deverão ser consideradas como referências a ter em conta no planeamento e avaliação e*

*experiências e oportunidades educativas e não como compartimentos estanques a serem abordados separadamente” (ME, 1997: 48).*

A área da Formação Pessoal e Social esteve sempre presente em todas as atividades propostas.

No que se refere ao domínio da Linguagem e da Abordagem à Escrita, entre muitos outros aspetos, demos particular ênfase aos diálogos estabelecidos, sendo estes uma constante antes, no decorrer e após a resolução de uma atividade. Recorremos também com frequência à leitura de histórias através de livros, powerpoint e até fantoches, não só como meio de dar início às atividades, mas para despertar o prazer pela leitura sendo de extrema importância o contato precoce com a leitura e determinante para formar “pequenos leitores”. Como refere Mata (2008: 70) permite às “ (...) crianças que, apesar de ainda não saberem ler, desenvolvem ações e comportamentos de leitor essenciais para se tornarem, mais tarde, leitores envolvidos”. Criámos, em grupo, histórias e livros que colocámos na área da biblioteca da sala de atividades, elaborámos em grupo registo das visitas realizadas, fizemos pequenas frases no postal do dia da mãe. Demos ainda relevância ao código escrito, uma vez que as crianças, em particular o grupo de nove em foco neste estudo, iriam ingressar no 1.º ciclo e estavam já despertas para a escrita, mostravam interesse, copiavam, frequentemente, por sua iniciativa palavras afixadas na sala, registo das visitas efetuadas. Neste sentido, foram propostas atividades que pretendiam familiarizar a criança com o código escrito. Para Sim-Sim (2008: 33) “*o desenvolvimento da linguagem oral está intrinsecamente relacionado com a aprendizagem da leitura e da escrita e o conhecimento de ambas as vertentes da língua (oral e escrita) é indispensável para a integração e domínio da maioria dos conteúdos disciplinares que integram o currículo escolar dos alunos.*”

Serrazina (2008) citada em Castro e Rodrigues (2008: 9) considera que “ (...) o desenvolvimento matemático nos primeiros anos é fundamental, dependendo o sucesso das aprendizagens futuras da qualidade das experiências proporcionadas às crianças”. O domínio da matemática já se encontrava presente nas rotinas diárias da sala de atividades, precisamente nas tarefas do dia, quando era realizada a contagem das crianças para as presenças e as noções temporais. Foi objetivo desenvolver o raciocínio matemático das crianças, o sentido do número através da contagem de objetos e do

estabelecimento de relações; a capacidade de organização e tratamento de dados, por exemplo através da elaboração de um pictograma, em que explorámos as profissões, nomeadamente a profissão que cada um queria ser no futuro.

As expressões estiveram sempre presentes no planeamento. No entanto, a expressão plástica surgiu com mais relevo. Na expressão plástica foi promovido o contacto com diferentes materiais, tentando que as crianças se exprimissem através do desenho, para tentarmos saber a sua opinião face a algumas situações. Recorremos, algumas vezes, à pintura com guaches com pincel e com os dedos. Foi trabalhada também a plasticina e massa fimo. Ao nível da expressão motora, proporcionámos alguns jogos e sessões de atividades que permitiram aliar duas vertentes do agrado das crianças, o jogo e as atividades ao ar livre, pois todas as propostas a este nível foram realizadas no espaço exterior, espaço este que privilegiámos para a brincadeira livre inclusive.

Relativamente às expressões, dramática e musical também estiveram presentes ao longo da prática. O nível da música fazia parte da rotina diária do grupo, tendo ainda proposto algumas atividades de aprendizagem de novas canções relacionadas com as temáticas que iríamos trabalhar e uma atividade de identificação de alguns sons e execução de instrumentos musicais através de material reciclado. Ao nível da expressão dramática fizemos alguns jogos de movimento e de representação de situações do dia-a-dia, como por exemplo na temática dos transportes em que simulámos viagens em vários transportes.

Na área do Conhecimento do Mundo desenvolvemos algumas atividades experimentais, como a germinação do feijão e do grão, onde foi explorado o seu desenvolvimento. Também realizámos uma observação a malmequeres onde as crianças identificaram e aprenderam as partes constituintes da planta. Em relação ao nível da história, realizámos uma atividade onde as crianças tinham de organizar um friso cronológico por imagens acerca da evolução dos transportes; pretendemos que as crianças verificassem as diferenças que existiram ao longo dos tempos e adquirissem noções do tempo passado e atual.

Todas estas atividades planificadas e elaboradas permitiram que crescesse e aprendesse profissionalmente, com a educadora cooperante e com as crianças que

compunham o grupo. Tentei sempre mostrar-me disponível para ajudar, para aprender, para colaborar, para experimentar e para refletir. Senti também um grande apoio por parte da assistente operacional da sala.

Relativamente ao “meu” grupo, foi um enorme privilégio ter trabalhado com aquelas crianças. O relacionamento que desenvolvemos baseou-se na confiança, no afeto, na disponibilidade e no respeito. Eram crianças extremamente afetivas, interessadas e com grandes capacidades e com quem estabelecemos laços. As nossas conversas, as brincadeiras e os sorrisos marcaram este percurso que jamais será esquecido. Para elas tentámos sempre dar o nosso melhor, tentando implementar atividades lúdicas que fossem ao encontro dos seus interesses.

## **CONCLUSÃO**

## CONCLUSÃO

O presente relatório é resultado de um percurso reflexivo que nos permitiu adquirir vários conhecimentos sobre a temática da continuidade educativa e da articulação curricular, ajudando-nos a conceber as “primeiras bases” nas práticas a desenvolver como futura educadora de infância.

A continuidade educativa e a articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico são referidas e recomendadas em documentos legais como dimensões importantes no desenvolvimento do ensino-aprendizagem e de formação do indivíduo ao longo da vida.

A iniciativa deve partir dos profissionais de educação que devem criar espaços de partilha e colaboração, de modo a promoverem atividades conjuntas, evitando as barreiras existentes entre os dois níveis, e facilitando o processo de transição das crianças.

Os Agrupamentos de escolas e jardins-de-infância são considerados como agentes que facilitam o processo de articulação e que de acordo com Marques et. al (2004) citados por Aniceto (2010: 72) deverão “ (...) *criar uma real gestão conjunta através da dinamização de projectos educativos coerentes e concertados que tenham expressão nos diferentes níveis de ensino.*”

No entanto, mais importante que a criação de Agrupamentos é o estabelecimento de diálogo entre os profissionais, ou seja, é fundamental que estes profissionais se envolvam na ação, que estabeleçam relações e que estejam dispostas para a mudança e inovação.

No Agrupamento onde foi desenvolvida a prática pedagógica/estágio e após a investigação que se desenvolveu, podemos concluir que existe disponibilidade para a continuidade educativa e para a articulação. Os profissionais consideram existir alguns momentos de articulação ao longo do ano, nomeadamente em reuniões e em partilha de projetos e atividades em comum. No entanto, referem que poderia haver um pouco mais de trabalho em conjunto. Segundo Bravo (2010: 123) “*o êxito da articulação depende da abordagem e da crença dos diversos intervenientes e os seus resultados positivos são conquistados, quando formos capazes de, como docentes, termos uma postura de partilha e de espírito colaborativo.*”

Através da nossa intervenção e das opiniões das docentes, concluímos que neste Agrupamento se efetua articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º ciclo, que, no entanto, poderia ser mais explorada e participada.

As atividades desenvolvidas no contexto do estágio foram importantes para as crianças, pois estas não só gostaram de as realizar como desmistificaram alguns receios que existiam acerca da sua ida para a escola do 1.º ciclo.

Para se proceder a um processo efetivo de continuidade educativa e articulação é preciso que se desenvolvam atividades conjuntas ao longo de todo o ano através de projetos e de atividades em conjunto, envolvendo toda a comunidade educativa.

Podemos afirmar que no agrupamento em questão, o processo de articulação é cada vez mais uma preocupação para as educadoras de infância e para as professoras do 1.º Ciclo, sendo que estas tentam criar estratégias para que as crianças realizem a sua transição de modo “suave” e positivo, e em continuidade.

É importante que os docentes desenvolvam atividades que promovam a articulação encarando-a “ (...) *como uma prática de gestão curricular executada entre docentes dos diferentes níveis e ciclos de ensino alicerçada em práticas colaborativas efetivas de trabalho e reflexão*” (Aniceto, 2010: 82).

Cabe aos profissionais de educação promover e criar espaços de partilha e colaboração, organizando atividades conjuntas e evitando as barreiras entre os dois níveis, pois só assim são capazes de facilitar o processo de transição das crianças.

## **BIBLIOGRAFIA**

## BIBLIOGRAFIA

ALVES & VILHENA. (2008). *Transição – Do Pré-Escolar para o 1.º Ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico – Que mecanismos são utilizados?* Pós-C...  
Pedagógica e Formação de Formadores. Porto: Trabalho de projeto não editado.

ANICETO, J. (2010). *Articulação Curricular Pré-Escolar/1.º Ciclo do Ensino Básico: práticas colaborativas*. Dissertação de Mestrado em Gestão Escolar. Aveiro: Universidade de Aveiro.

BARBOSA, E. (2010). *Articulação Curricular e (in)sucesso educativo na disciplina de inglês; um estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Minho: Universidade do Minho.

BENTO, I. (1999). *O continuum Educativo entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Um estudo de caso*. Curso de Estudos Superiores Especializados em Supervisão Pedagógica. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre.

BERTRAM, T. & PASCAL, C. (2009). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*. Lisboa: Ministério da Educação.

BRAVO, M. (2010). *Do Pré-Escolar ao 1.º Ciclo do Ensino Básico: Construindo Práticas de Articulação Curricular*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança. Minho: Universidade do Minho.

BRONFENBERNNER, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas. Artmed Editora.

CARDONA, M. (2002). “Entre o Jardim de Infância e a escola: encontros e desencontros...”. *Revista Aprender nº 26, Setembro de 2002*. Portalegre: Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre (Páginas: 41-48).

CARVALHO, A. (2010). *Articulação Curricular Pré-Escolar/1.º Ciclo do Ensino Básico: contributos para o sucesso educativo*. Dissertação de Mestrado em Gestão Curricular. Aveiro: Universidade de Aveiro.

CASTRO, J. & RODRIGUES, M. (2008). *Sentido de Número e c*. Lisboa: Ministério da Educação – Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

CRUZ, M. (2008). *Articulação Curricular entre a EBI e o Jardim de Infância: Práticas docentes*. Dissertação de Mestrado em Análise Social e Administração da Educação. Aveiro: Universidade de Aveiro.

CRUZ, A. (2012). “*A Articulação Curricular entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico*”. Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre.

FORMOSINHO, J. (1997). *O contexto Organizacional da Expansão da Educação Pré-Escolar*. *Inovação*, 10 (1) pp. 21-36.

GARCIA, A. ; PILRÉ, C. ; BARREIROS, M. ; BAGINA, M. (2002). Formar para agir em continuidade. Uma experiência de formação na ESSE de Portalegre. *Revista Aprender nº 26, Setembro de 2002*. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre (Páginas: 69-72).

LARANJEIRO, M. (2011). *Educação Pré-Escolar e Primeiro Ano do Primeiro Ciclo do Ensino Básico: que relações pedagógicas e vínculos didácticos?* Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica. Lisboa: Universidade Aberta.

MATA, L. (2008). *A Descoberta da Escrita – Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação – Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

MARCHÃO, A. (2002). Da formação de educadores e professores aos processos de construção e gestão do currículo nas 1<sup>as</sup> etapas da educação básica (Educação Pré-Escolar, 1.º Ciclo). *Revista Aprender nº 26, Setembro de 2002*. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre (Páginas: 33-40)

MARCHÃO, A. (2002). Continuidade educativa nas 1.<sup>as</sup> etapas da Educação Básica (Educação de Infância e 1.º Ciclo). *Revista Aprender nº 2*  
Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre (Páginas: 3).

MARCHÃO, A. (2010). *(Re) Construir a Prática Pedagógica e Criar Oportunidades para Pensar*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação. Aveiro: Universidade de Aveiro.

MARCHÃO, A. (2012). *No Jardim de Infância e na escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Gerir o currículo e criar oportunidades para construir o pensamento crítico*. Lisboa: Edições Colibri.

MÁXIMO-ESTEVES, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto Editora.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2004). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

MONGE, M. (2002). Educação Pré-Escolar/1.º Ciclo do Ensino Básico – uma perspectiva de continuidade educativa. *Revista Aprender nº 26, Setembro de 2002*. Portalegre: Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre (Páginas: 27-32).

NABUCO, M. (2002). Transição do Pré-Escolar para o Ensino Básico. *Revista Aprender n° 26, Setembro de 2002*. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre (Páginas: 55-61).

OLIVEIRA, M. (2011). *Estudo sobre a avaliação em contexto de Jardim de Infância – Um contributo para a Supervisão Pedagógica*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.

PORTUGAL, G. (2002). Dos primeiros anos á entrada para a escola – Transições e continuidades nas fundações emocionais da maturidade escolar. *Revista Aprender n° 26, Setembro de 2002*. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre (Páginas: 9-16).

SERRA, C. (2004). *Currículo na Educação Pré-Escolar e Articulação Curricular com o 1. 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.

SILVA, M. I. (2002). Ser professor do 1.º ano: que continuidade com a Educação Pré-Escolar? *Revista Aprender n° 26, Setembro de 2002*. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre (Páginas: 17-26).

SIM-SIM, I.; SILVA, A. & NUNES, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância – Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

SOUSA, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

ZABALZA, M. A. (2004). Práticas Educativas en la Educación Infantil: transversalidad y transiciones. *Infância e Educação: Investigação e práticas*, 6 pp. 17-26.

## **LEGISLAÇÃO CONSULTADA**

Lei n.º 46/86: Lei de Bases do Sistema Educativo;

Lei n.º 5/97 de 10 de Fevereiro: Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar;

Lei n.º 49/2005: Alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo;

Decreto-Lei 115-A/98 de 4 de Maio: Inspeção Geral da Educação;

Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho

Decreto-Lei n.º 91/2013 de 10 de julho

Decreto-Lei n.º 6 de 2011

Decreto-Lei n.º 542/79: Estatutos dos Jardins de Infância;

Despacho n.º 5220/97: Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar;

Circular n.º 17/DSDC/DEPE/2007: Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar;

Decreto-Lei 241/2001 de 30 de Agosto: Perfil específico dos Educadores de Infância e dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Decreto-Lei 6/2001 de 18 de Janeiro: Reorganização Curricular do Ensino Básico;

## **SITES CONSULTADOS**

<http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/docs/TeresaVasconcelos.pdf>

**ANEXOS**

## Anexo 1- Guião da Entrevista à Educadora

Bloco	Descrição/Questões	Observações
<p><b>1.º Legitimação:</b> Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Legitimar a entrevista e os meios de registo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Esta entrevista tem como objetivo conhecer como é que a articulação curricular entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico é encarada pelas educadoras de infância.</li> <li>Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato.</li> <li>Solicito também consentimento para o uso de gravador.</li> </ul>	
<p><b>2.º Identificação:</b> Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar a Educadora de Infância.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Que habilitações académicas possui?</li> <li>- Há quantos anos exerce esta profissão?</li> <li>- Há quantos anos exerce a função de educadora de infância neste Agrupamento?</li> <li>- Pertence ao quadro do Agrupamento?</li> <li>-Desempenha mais algum cargo no jardim-de-infância ou no agrupamento? Se sim, qual?</li> </ul>	
<p><b>3.º aspetos Pedagógicos</b> Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer a opinião da Educadora sobre o processo de transição das crianças da educação pré-escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico;</li> <li>- Perceber como é que a articulação curricular é considerada enquanto estratégia de articulação;</li> <li>- Perceber se o projeto curricular de grupo prevê a articulação curricular com o 1.º ciclo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando organiza e planifica as atividades do ano letivo, considera o momento de transição das crianças do Jardim de Infância para a Escola? Que importância atribui ao momento da transição?</li> <li>- Quando possui na sala crianças que vão para o 1º ciclo, ou seja, que fazem a transição, como faz essa preparação? Que estratégias usa?</li> <li>- Uma das estratégias para tornar a transição mais positiva pode ser a articulação curricular. Concorda? Porquê?</li> <li>- Quando organizou o projeto curricular de grupo considerou a articulação com o 1.º ciclo? Se sim, pode referir alguns exemplos de estratégias, atividades ou momentos programadas no projeto curricular?</li> <li>- Na preparação da transição das crianças, e a fim de promover a articulação, considera importante que a professora do 1.º ciclo tenha acesso à avaliação da criança feita no Jardim de Infância? Porquê?</li> </ul>	

<p><b>4.º Aspetos Organizacionais</b></p> <p>Objetivo:</p> <p>- Perceber se neste Agrupamento de Escolas com Jardins de Infância se pratica a articulação entre o Jardim de Infância e a Escola do 1.º ciclo</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Considera que no seu Agrupamento existe articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º CEB? Em que momentos e com que objetivos?</li> <li>- Na sua opinião no Agrupamento de escolas, a articulação deve ser promovida por quem?</li> <li>- Considerando os objetivos da Educação Pré-Escolar e os do 1.º CEB, acha que é fácil, ou não, organizar e desenvolver situações de articulação?</li> <li>- Em seu entender existem constrangimentos que dificultam a articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º CEB? Quais e Porquê?</li> </ul>	
--	---	--

Anexo 2 – Protocolo da Entrevista à Educadora de Infância

Texto escrito de acordo com o discurso oral

Bloco	Transcrição	Notas
	<b>Identificação</b>	
1. <b>Que habilitações académicas possui?</b>	Licenciatura em Educação de Infância.	
2. <b>Há quantos anos exerce esta profissão?</b>	Há vinte e cinco anos.	
3. <b>Há quantos anos exerce a função de educadora de infância neste Agrupamento?</b>	Há dois anos inclusive.	
4. <b>Pertence ao quadro do Agrupamento?</b>	Sim, há cinco anos.	
5. <b>Desempenha mais algum cargo na escola ou no agrupamento, além do de Educadora de Infância? Se sim, qual?</b>	Sim, faço parte da equipa de autoavaliação em representação do pré-escolar.	
	<b>Aspetos Pedagógicos</b>	
1. <b>Quando organiza e planifica as atividades do ano letivo, considera o momento de transição das crianças do Jardim de Infância para a Escola? Que importância atribui ao momento da transição?</b>	A transição é um momento muito importante e marcante para as crianças e para as famílias e transmite às crianças uma atitude positiva, segurança e motivação para estas iniciarem o ensino obrigatório.	
2. <b>Quando possui na sala crianças que vão para o 1º ciclo, ou seja, que fazem a transição, como faz essa preparação? Que estratégias usa?</b>	<p>Faço essa preparação através de algumas atividades e estratégias como:</p> <p>Participação em atividades conjuntas ao longo do ano;</p> <p>Visitas às salas do 1º ciclo;</p> <p>Entrevistas;</p> <p>Visitas das crianças e professora do 1º ciclo ao jardim-de-infância;</p> <p>Partilha de saberes entre o Jardim-de- Infância e 1ºciclo, em pequenos projetos.</p>	
3. <b>Uma das estratégias para tornar a transição mais positiva pode ser a articulação curricular. Concorda? Porquê?</b>	Claro que sim, na minha opinião a articulação curricular é muito importante, pois há uma partilha de conhecimentos e um enriquecimento das crianças.	

## Anexo 2 – Protocolo da Entrevista à Educadora de Infância

### Texto escrito de acordo com o discurso oral

<b>4. Quando organizou o projeto curricular de grupo considerou a articulação com o 1.º ciclo? Se sim, pode referir alguns exemplos de estratégias, atividades ou momentos programadas no projeto curricular?</b>	Sim tentei claro, tentei sempre manter em consideração essa articulação o mais possível, por isso tentei logo no primeiro dia de aulas uma aproximação entre as duas faixas etárias, usei as atividade de festividades, projetos em comuns e partilha de conhecimentos como estratégias dessa articulação.	
<b>5. Na preparação da transição das crianças, e a fim de promover a articulação, considera importante que a professora do 1.º ciclo tenha acesso à avaliação da criança feita no Jardim de Infância? Porquê?</b>	Sim é importante, pois assim a docente do 1º ciclo toma conhecimento sobre o desenvolvimento da criança, fazendo referência às aprendizagens e competências essenciais, bem com as suas dificuldades.	
<b>Aspetos Organizacionais</b>		
<b>1. Considera que no seu Agrupamento existe articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º CEB? Em que momentos e com que objetivos?</b>	Sim existe alguma articulação, nomeadamente ao longo do ano, de moda a partilharmos os projetos desenvolvidos, as aprendizagens das crianças e as suas problemáticas, no entanto poderia funcionar um pouco, mas é como tudo.	
<b>2. Na sua opinião no Agrupamento de escolas, a articulação deve ser promovida por quem?</b>	Esta articulação deve ser feita por todos os intervenientes no processo educativo.	
<b>3. Considerando os objetivos da Educação Pré-Escolar e os do 1.º CEB, acha que é fácil, ou não, organizar e desenvolver situações de articulação?</b>	Sim é fácil, pois as áreas são similares em ambos os níveis de ensino.	

ANEXO 3 – Guião da entrevista realizada à Professora

Bloco	Descrição/Questões	Observações
<p><b>1.º Legitimação:</b> Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Legitimar a entrevista e os meios de registo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Esta entrevista tem como objetivo conhecer como é que a articulação curricular entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico é encarada pelos professores de primeiro ciclo.</li> <li>Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato.</li> <li>Solicito também consentimento para o uso de gravador.</li> </ul>	
<p><b>2.º Identificação:</b> Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar a Professora do 1º ciclo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Que habilitações académicas possui?</li> <li>- Há quantos anos exerce esta profissão?</li> <li>- Qual o nível de escolaridade onde exerce, atualmente, funções?</li> <li>Pertence ao quadro do Agrupamento?</li> <li>-Desempenha mais algum cargo na escola ou no agrupamento, além de docente? Se sim, qual?</li> </ul>	
<p><b>3.º Aspetos Pedagógicos</b> Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer a opinião da Professora sobre o processo de transição das crianças da educação pré-escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico;</li> <li>- Perceber como é que a articulação curricular é considerada enquanto estratégia de articulação;</li> <li>- Perceber se o projeto curricular de grupo prevê a articulação curricular com o 1.º ciclo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quando recebe as crianças que chegam do jardim-de-infância como prepara a transição dessas para o 1º ano?</li> <li>- Prepara essa transição em conjunto com a educadora? Que estratégias usa ?</li> <li>- Concorda que uma das estratégias para tornar a transição mais positiva seja a articulação curricular?</li> <li>- Na preparação da transição das crianças, e a fim de promover a articulação, considera importante que a professora do 1.º ciclo tenha acesso à avaliação da criança feita no Jardim de Infância? Porquê?</li> </ul>	
<p><b>4.º Aspetos Organizacionais</b> Objetivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceber se neste Agrupamento de Escolas a opinião no Agrupamento de escolas, a articulação deve ser promovida com Jardins de Infância se pratica a articulação entre o Jardim de Infância e a Escola do 1.º ciclo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Considera que no seu Agrupamento existe articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º CEB? Em que momentos e com que objetivos?</li> <li>- Considerando os objetivos da Educação Pré-Escolar e os do 1.º CEB, acha que é fácil, ou não, organizar e desenvolver situações de articulação?</li> <li>- Em seu entender existem constrangimentos que dificultam a articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º CEB? Quais e Porquê?</li> </ul>	

Anexo 4 – Protocolo da Entrevista à professora do 1º ciclo

Texto escrito de acordo com o discurso oral

Bloco	Transcrição	Notas
	<b>Identificação</b>	
6. Que habilitações académicas possui?	Licenciatura em Ensino Básico do 1º ciclo.	
7. Há quantos anos exerce esta profissão?	Há vinte e quatro anos.	
8. Qual o nível de escolaridade onde exerce, atualmente, funções?	1º ano com a função de docente.	
9. Pertence ao quadro do Agrupamento?	Sim, há cinco anos.	
10. Desempenha mais algum cargo na escola ou no agrupamento, além de docente? Se sim, qual?	Não.	
	<b>Aspetos Pedagógicos</b>	
1. Quando recebe as crianças que chegam do jardim-de-infância como prepara a transição dessas para o 1º ano?	Normalmente faço um acolhimento ao longo do primeiro mês e depois faço atividades para desenvolver motricidade fina e regras de sala de aula.	
2. Prepara essa transição em conjunto com a educadora? Que estratégias usa ?	O acolhimento é sempre preparado em conjunto com as educadoras, e surgem atividades em conjunto.	
3. Na preparação das crianças, e a fim de promover a articulação, considera importante ter acesso à avaliação da criança feita pela educadora? Porquê??	Sim é importante pois assim podemos ter conhecimento abrangente do percurso do aluno, nomeadamente as suas dificuldades.	
4. Uma das estratégias para tornar a transição mais positiva pode ser a articulação curricular. Concorda? Porquê?	Sim concordo, a articulação é realmente importante e deve ser feita desde o início do ano letivo.	
	<b>Aspetos Organizacionais</b>	
4. Considera que no seu Agrupamento existe articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º CEB? Em que momentos e com que	<i>Sim considero que existe articulação em reuniões e sempre que é necessário.</i>	

Anexo 4 – Protocolo da Entrevista à professora do 1º ciclo

Texto escrito de acordo com o discurso oral

<b>objetivos?</b>		
5. <b>Na sua opinião no Agrupamento de escolas, a articulação deve ser promovida por quem?</b>	<i>Considero que esta articulação deve ser feita por todos os docentes, ou pelo menos deveria ser feita.</i>	
6. <b>Considerando os objetivos da Educação Pré-Escolar e os do 1.º CEB, acha que é fácil, ou não, organizar e desenvolver situações de articulação?</b>	Acho que sim e penso que todos os docentes de primeiro ciclo deveriam conhecer o programa de primeiro ciclo.	
7. <b>Em seu entender existem constrangimentos que dificultam a articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º CEB? Quais e Porquê?</b>	Neste momento não existem, posso dizer-lhe que ao longo dos meus anos de serviço foram desaparecendo.	

ANEXO 5 – Guião das entrevistas realizadas às crianças

Bloco	Descrição/Questões	Observações
<p><b>1.º</b> <b>Legitimação</b></p>	<p>A seguinte entrevista tem como objetivo conhecer as perspetivas das crianças sobre o que será a sua entrada no 1.º Ciclo do Ensino Básico.</p> <p>Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato.</p> <p>O meio de comunicação será de tipo oral, pedindo consentimento para o uso de gravador aos encarregados de educação das crianças.</p>	
<p><b>2.º</b> <b>Identificação</b></p>	<p>- Como te chamas?</p> <p>- Que idade tens?</p>	
<p><b>3.º</b>    <b>Opiniões</b> <b>sobre a</b> <b>entrada no 1.º</b> <b>ano.</b></p>	<p>- Gostas de andar no Jardim de Infância?</p> <p>- O que é que gostas mais de fazer no Jardim de Infância?</p> <p>- O que é que gostas mais que a Natividade faça com vocês?</p> <p>- Estás ansioso(a) para ires para a escola? Porquê?</p> <p>- O que é que pensas que vais aprender na escola?</p> <p>- O que é que pensas que o(a) professor(a) te vai ensinar na escola?</p>	
<p><b>4.º</b>    <b>Opiniões</b> <b>sobre a visita à</b> <b>sala do 1º ano.</b></p>	<p>- Gostaste de ir à sala do 1º ano? Porquê?</p> <p>- O que mais gostaste na visita?</p>	
<p><b>5.º</b>    <b>Análise da</b> <b>documentação</b> <b>das crianças.</b></p>	<p>- Ainda te lembras o que desenhaste no teu registo da visita?</p>	<p>Registrar os comentários das crianças sobre o registo.</p>

ANEXO 6 – Protocolos das entrevistas realizadas às crianças

**Protocolo da Entrevista- Miguel**

Texto escrito de acordo com o discurso oral da criança

Bloco	Transcrição	Notas
	<b>Identificação</b>	
1. Como te chamas?	Miguel.	
2. Que idade tens?	Seis.	
	<b>Opiniões sobre a entrada no 1.º Ciclo</b>	
1. Gostas de andar no Jardim de Infância?	Sim.	
2. O que é que gostas mais de fazer no Jardim de Infância?	“Gosto muito de brincar no cantinho da garagem e com os jogos de mesa”.	
3. O que é que gostas mais que a Natividade faça com vocês?	“Gosto que a Natividade conte histórias e faça trabalhos de pintura”	
4. Estás ansioso(a) para ires para a escola? Porquê?	“Sim, para ir aprender coisas novas”	
5. O que é que pensas que vais aprender na escola?	“Vou aprender a ler e muitas coisas, como contas da matemática”	
6. O que é que pensas que o(a) professor(a) te vai ensinar na escola?	“A ler e a escrever”	
	<b>Opiniões sobre a ida à sala do 1º ano.</b>	
1. Gostaste de ir à sala do 1º ano? Porquê?	“Sim, gostei muito. Gostei de ver os meninos a fazer os trabalhos”	
2. O que mais gostaste na visita?	“Gostei de tudo”.	
	<b>Análise da documentação das crianças.</b>	
1. Ainda te lembras o que desenhaste no teu registo da visita?	Sim lembro, desenhei-me a mim na sala do 1º ano a fazer perguntas aos meninos grandes e à professora Madalena.	

## Protocolo da Entrevista- Salvador

Texto escrito de acordo com o discurso oral da criança

Bloco	Transcrição	Notas
	<b>Identificação</b>	
1.Como te chamas?	Salvador.	
2.Que idade tens?	Seis.	
	<b>Opiniões sobre a entrada no 1.º Ciclo</b>	
1. Gostas de andar no Jardim de Infância?	Sim.	
2. O que é que gostas mais de fazer no Jardim de Infância?	“ Gosto de brincar no recreio com os meus amigos e fazer jogos com o Rafael”	
3. O que é que gostas mais que a Natividade faça com vocês?	“ Gosto quando fazemos trabalhos difíceis”	
4. Estás ansioso(a) para ires para a escola? Porquê?	“Sim, porque vou aprender a escrever e a ler”	
5. O que é que pensas que vais aprender na escola?	“ Vou aprender a fazer muitas coisas giras”	
6. O que é que pensas que o(a) professor(a) te vai ensinar na escola?	“A fazer contas”	
	<b>Opiniões sobre a ida à sala do 1º ano.</b>	
1. Gostaste de ir à sala do 1º ano? Porquê?	“Sim, gostei muito, porque a sala do 1º ano é fixe”	
2 O que mais gostaste na visita?	“ Gostei de tudo, menos do barulhos dos meninos do 1º ano”.	
	<b>Análise da documentação das crianças.</b>	
1. Ainda te lembras o que desenhaste no teu registo da visita?	Sim lembro, eu desenhei o caminho que fizemos para a sala do 1º ano, as escadas e nós a entrarmos na sala.	

## Protocolo da Entrevista- Rafael

Texto escrito de acordo com o discurso oral da criança

Bloco	Transcrição	Notas
	<b>Identificação</b>	
1.Como te chamas?	Rafael.	
2.Que idade tens?	Cinco.	
	<b>Opiniões sobre a entrada no 1.º Ciclo</b>	
1. Gostas de andar no Jardim de Infância?	Sim.	
2. O que é que gostas mais de fazer no Jardim de Infância?	“Gosto de brincar na garagem e no recreio”	
3. O que é que gostas mais que a Natividade faça com vocês?	“ Gosto quando a Natividade trás os porquinhos-da-Índia e nos deixa brincar com eles”	
4. Estás ansioso(a) para ires para a escola? Porquê?	“Não”	
5. O que é que pensas que vais aprender na escola?	“ Vou aprender a escrever muitas coisas e ter trabalhos de casa”	
6. O que é que pensas que o(a) professor(a) te vai ensinar na escola?	“Não sei”	
	<b>Opiniões sobre a ida à sala do 1º ano.</b>	
1.Gostaste de ir à sala do 1º ano? Porquê?	“Sim, gostei muito, foi divertido falar com a professora e com os meninos do 1º ano”	
2. O que mais gostaste na visita?	“ Gostei de tudo”	
	<b>Análise da documentação das crianças.</b>	
1. Ainda te lembras o que desenhaste no teu registo da visita?	“Lembro pois, desenhei a Nati , eu , a Inês e a Raquel a irmos para a sala do 1º ano. Tivemos de subir as escadas, mas não consegui desenhar as escadas”	

## Protocolo da Entrevista- Afonso R.

Texto escrito de acordo com o discurso oral da criança

Bloco	Transcrição	Notas
	<b>Identificação</b>	
1.Como te chamas?	Afonso R.	
2.Que idade tens?	Cinco.	
	<b>Opiniões sobre a entrada no 1.º Ciclo</b>	
1. Gostas de andar no Jardim de Infância?	Sim.	
2. O que é que gostas mais de fazer no Jardim de Infância?	“ Gosto de brincar na garagem com os meus amigos, mais com o Afonso C”	
3. O que é que gostas mais que a Natividade faça com vocês?	“Gosto quando fazemos trabalhos com tintas”	
4. Estás ansioso(a) para ires para a escola? Porquê?	“ Sim, estou porque quero aprender muitas coisas novas”	
5. O que é que pensas que vais aprender na escola?	“ Acho que vou aprender muitas coisas”	
6. O que é que pensas que o(a) professor(a) te vai ensinar na escola?	“ Acho que a professora me vai ensinar muitas coisas sobre motas e outras coisas”	
	<b>Opiniões sobre a ida à sala do 1º ano.</b>	
1. Gostaste de ir à sala do 1º ano? Porquê?	“Sim, gostei muito, foi divertido falar com a professora Madalena e com a Luisinha, porque eu gosto da Luisinha”	
2. O que mais gostaste na visita?	“ Gostei de tudo”	
	<b>Análise da documentação das crianças.</b>	
1.Ainda te lembras o que desenhaste no teu registo da visita?	“Sim lembro, desenhei-me e mim e a professora Madalena, porque a gostei muito de conhecer”	

## Protocolo da Entrevista- Afonso C.

Texto escrito de acordo com o discurso oral da criança

Bloco	Transcrição	Notas
	<b>Identificação</b>	
1.Como te chamas?	Afonso C.	
2.Que idade tens?	Seis.	
	<b>Opiniões sobre a entrada no 1.º Ciclo</b>	
1. Gostas de andar no Jardim de Infância?	Sim.	
2. O que é que gostas mais de fazer no Jardim de Infância?	“ Gosto de fazer jogos de mesa com o Afonso R.”	
3. O que é que gostas mais que a Natividade faça com vocês?	“ Gosto quando a Natividade brinca connosco nos cantinhos”	
4. Estás ansioso(a) para ires para a escola? Porquê?	“ Sim muito, porque quero aprender muitas coisas”	
5. O que é que pensas que vais aprender na escola?	“ Acho que vou aprender muitas coisas, a ler e a escrever, ah e contas de matemática”	
6. O que é que pensas que o(a) professor(a) te vai ensinar na escola?	“ A escrever muitas coisas”	
	<b>Opiniões sobre a ida à sala do 1º ano.</b>	
1. Gostaste de ir à sala do 1º ano? Porquê?	“Sim, gostei muito”	
2. O que mais gostaste na visita?	“ Gostei de conhecer da sala do 1º ano e a professora Madalena”	
	<b>Análise da documentação das crianças.</b>	
1. Ainda te lembras o que desenhaste no teu registo da visita?	“Mais ou menos, acho que me desenhei a mim, o Afonso C., a Luisinha e a professora Madalena, porque ela disse que eu gostava da Luisinha”	

## Protocolo da Entrevista- Inês

Texto escrito de acordo com o discurso oral da criança

Bloco	Transcrição	Notas
	<b>Identificação</b>	
<b>1. Como te chamas?</b>	Inês.	
<b>2. Que idade tens?</b>	Cinco.	
	<b>Opiniões sobre a entrada no 1.º Ciclo</b>	
<b>1. Gostas de andar no Jardim de Infância?</b>	Sim.	
<b>2. O que é que gostas mais de fazer no Jardim de Infância?</b>	“Gosto de ver livros e brincar na casinha”	
<b>3. O que é que gostas mais que a Natividade faça com vocês?</b>	“Gosto quando a Natividade trás coisas giras para vermos”	
<b>4. Estás ansioso(a) para ires para a escola? Porquê?</b>	“Mais ou menos é que depois vou sentir saudades da Nati”	
<b>5. O que é que pensas que vais aprender na escola?</b>	“Vou aprender a escrever muitas coisas e a ler livros”	
<b>6. O que é que pensas que o(a) professor(a) te vai ensinar na escola?</b>	“Acho que vai ensinar a ler, a escrever a fazer outras coisas”	
	<b>Opiniões sobre a ida à sala do 1º ano.</b>	
<b>1. Gostaste de ir à sala do 1º ano? Porquê?</b>	“Sim, adorei, porque a professora Madalena era muito simpática e respondia às nossas perguntas”	
<b>2. O que mais gostaste na visita?</b>	“Gostei de conhecer professora Madalena”	
	<b>Análise da documentação das crianças.</b>	
<b>1. Ainda te lembras o que desenhaste no teu registo da visita?</b>	“Sim lembro, desenhei-me a mim e aos meninos a entrarmos na sala do 1º ano, os meninos do 1º ano estavam lá dentro a portar-se bem.	

## Protocolo da Entrevista- Laura

Texto escrito de acordo com o discurso oral da criança

Bloco	Transcrição	Notas
	<b>Identificação</b>	
1.Como te chamas?	Laura.	
2.Que idade tens?	Seis.	
	<b>Opiniões sobre a entrada no 1.º Ciclo</b>	
1. Gostas de andar no Jardim de Infância?	Sim.	
2. O que é que gostas mais de fazer no Jardim de Infância?	“ Gosto de brincar no cantinho do médico e ao faz de conta”	
3. O que é que gostas mais que a Natividade faça com vocês?	“ Gosto quando fazemos trabalhos com plasticina”	
4. Estás ansioso(a) para ires para a escola? Porquê?	“Sim, porque vou aprender a ler”	
5. O que é que pensas que vais aprender na escola?	“ Vou aprender a ler e a escrever muitas coisas”	
6. O que é que pensas que o(a) professor(a) te vai ensinar na escola?	“ Não sei”	
	<b>Opiniões sobre a ida à sala do 1º ano.</b>	
1. Gostaste de ir à sala do 1º ano? Porquê?	“Sim, gostei muito, porque foi giro.	
2. O que mais gostaste na visita?	“ Gostei de ter ido à sala”	
	<b>Análise da documentação das crianças.</b>	
1. Ainda te lembras o que desenhaste no teu registo da visita?	“Mais ou menos, acho que desenhei a professora Madalena, porque gostei muito dela, ela era muito simpática e bonita.	

## Protocolo da Entrevista- Raquel

Texto escrito de acordo com o discurso oral da criança

Bloco	Transcrição	Notas
	<b>Identificação</b>	
1. Como te chamas?	Raquel.	
2. Que idade tens?	Seis.	
	<b>Opiniões sobre a entrada no 1.º Ciclo</b>	
1. Gostas de andar no Jardim de Infância?	Sim.	
2. O que é que gostas mais de fazer no Jardim de Infância?	“ Gosto de brincar na casinha com a Inês e gosto quando a Natividade conta histórias”	
3. O que é que gostas mais que a Natividade faça com vocês?	“ Gosto quando fazemos muitos trabalhos”	
4. Estás ansioso(a) para ires para a escola? Porquê?	“ Acho que vou aprender coisas muito giras”	
5. O que é que pensas que vais aprender na escola?	“ Vou aprender a ler e a escrever muitas coisas”	
6. O que é que pensas que o(a) professor(a) te vai ensinar na escola?	“ Acho que me vai ensinar muitas coisas”	
	<b>Opiniões sobre a ida à sala do 1º ano.</b>	
1. Gostaste de ir à sala do 1º ano? Porquê?	“Sim, gostei, foi engraçado, porque vi lá muitas coisas.	
2. O que mais gostaste na visita?	“ Gostei de ter conhecido os meninos e ver o que estavam a fazer”	
	<b>Análise da documentação das crianças.</b>	
1. Ainda te lembras o que desenhaste no teu registo da visita?	“Sim lembro, desenhei os meninos a estudar e a estante dos livros deles”	

## Protocolo da Entrevista- Carmen

Texto escrito de acordo com o discurso oral da criança

Bloco	Transcrição	Notas
	<b>Identificação</b>	
1.Como te chamas?	Cármén.	
2.Que idade tens?	Cinco.	
	<b>Opiniões sobre a entrada no 1.º Ciclo</b>	
1. Gostas de andar no Jardim de Infância?	Sim.	
2. O que é que gostas mais de fazer no Jardim de Infância?	“ Gosto de brincar na casinha e na garagem”	
3. O que é que gostas mais que a Natividade faça com vocês?	“ Gosto quando a Natividade me dá bolachas das delas”	
4. Estás ansioso(a) para ires para a escola? Porquê?	“ Acho que vou aprender muitas coisas”	
5. O que é que pensas que vais aprender na escola?	“ Vou aprender a ler e a escrever muitas coisas”	
6. O que é que pensas que o(a) professor(a) te vai ensinar na escola?	“ Não sei”	
	<b>Opiniões sobre a ida à sala do 1º ano.</b>	
1. Gostaste de ir à sala do 1º ano? Porquê?	“Mais ou menos, havia muito barulho e por isso não gostei muito”	
2. O que mais gostaste na visita?	“ Gostei de ter ido à sala e ver como funcionava”	
	<b>Análise da documentação das crianças.</b>	
1. Ainda te lembras o que desenhaste no teu registo da visita?	“Mais ou menos, acho que me desenhei a mim, a Maria e a Laura na sala do 1º ano, porque gostei muito de visitar a sala, porque é muito bonita.	

